

As fotografias de puras e pequenas almas

"No Século XIX a mortalidade infantil, especialmente entre os recém-nascidos, era alarmantemente alta – e narrativas em livros e relatos de antepassados confirmam essa realidade. Na verdade, a religiosidade e os costumes sociais desempenhavam um papel de solidariedade, com o intuito de garantir a salvação da alma do recém-nascido, levando à urgência de seu Batismo. Outro costume era a prática de tirar retratos de pessoas falecidas, incluindo de crianças que morreram, com a finalidade de preservar a memória e registrar a breve vida delas".

Pág. 6

Além da moda: mulheres e calças compridas

Calça Jeans, Calça Pantalona, Calça Capri... A mulher interessada em vestir qualquer um desses modelos os encontra com facilidade. Mais do que isso: pode usá-los à vontade sem ser punida por isso. É chocante mencionar algo assim, certo? Mas a verdade é que as famosas e democráticas calças foram exclusivamente masculinas durante muito tempo – e aí de quem transgredisse essa regra que, muito além da moda, cortava na verdade o tecido social.

Pág. 8



FUZILAMENTO DE FREI CANECA COMPLETA 200 ANOS

O Campo das Vertentes está em centenas de páginas de livros de História. Afinal, é berço incontestável de personagens que marcaram os destinos do país – incluindo aliás inconfidentes como Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Há, porém, outros nomes republicanos a serem lembrados. Um deles o de Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, o Frei Caneca, fuzilado há dois séculos como punição por seus ideais de independência.

Pág. 14

Histórias e memórias com o Bicho de Pé

Fábio Caputo nos presenteia com mais uma crônica do cotidiano, da vida, dos pequenos (e causadores de coceira) detalhes. E já introduz o tema assim: "Um velho conhecido do nosso passado continua vivendo nas sombras, discretamente e sem fazer alarde. Surge eventualmente e sem aviso, com ares pitorescos de piada fora do tempo, para não se caracterizar como um risco ou inimigo declarado: o Bicho de Pé (Tunga Penetrans)".

Pág. 13

Desaparecido na Selva Amazônica

"Há 100 anos, em Janeiro de 1925, o governo brasileiro dava por encerradas as buscas (nas matas da selva amazônica, na região onde hoje é parte do território do Estado do Mato Grosso) ao explorador inglês Percy Fawcett e sua comitiva. (...) Personagem tão relevante e real que virou filme cujo roteiro, com o rol de todas as suas aventuras, ainda não foi feito – embora especule-se que o personagem Indiana Jones, do épico "As Minas do Rei Salomão", interpretado pelo ator norte-americano Harrison Ford, tenha sido inspirado em Percy Harrison Fawcett".

Pág. 16

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

O CONTROVERSO PODER

“Conhecer os outros é inteligência; conhecer-se a si próprio é a verdadeira sabedoria. Controlar os outros é força; controlar-se a si próprio é o verdadeiro poder” (Lao-Tse)

O poder é uma perigosa, poderosa droga viciante, a que se agarram os que dele se utilizam, por vezes enlouquecidos, treloucados. Apreciam, se viciam, se comprazem, inebriados, aos holofotes, à história de bajuladores, à claque de subversivos, rejeitando o diálogo, o bom senso, a temperança, ingredientes tão essenciais aos que se situam no comando de organizações sociais, políticas e afins. Quantos, até nas situações mais elementares e triviais não se valem da prepotência, da esperteza, astúcia, vilanias, no intuito de ser o primeiro da fila, ocupar o melhor ângulo do palanque, sobressair a qualquer custo, de fixar sua imagem de forma pretensamente afável, mas, de essência corrosiva, repulsiva.

Somos silenciados, de forma ostensiva ou sutil, por poderosos, muitos deles travestidos de paternalismo, santidade, mas, no fundo, instrumentos do autoritarismo, fundamentalismo, tirania. Assim, assistimos, perplexos, o retorno – por parte de denominações religiosas e/ou grupos políticos, aliás, mancomunados entre si – a uma conceituação medievalesca, retrógrada, quais senhores feudais ou neo-inquisidores ou ainda à maneira dos aitolás e mulás fundamentalistas do Oriente, buscando moldar o pensamento, o comportamento, os costumes, a vida cotidiana e até íntima das pessoas.

Uma hipnose teológica conduzindo muitos, senão multidões, a novas formas de opressão. Quantos templos tornam-se arsenais de metais e rituais, expectativa ineficaz, a fé transformada e pactuada em “mesas de cambistas” (Mt 21,12) apequenando as manifestações e expressões de crença, limitados os profetas à condição de simples dizimistas e instrumentos de subalternidade. Enquanto isso, cada vez mais violência nas ruas e redes sociais. Acham-nos, todavia, entremeio a impactantes, senão revolucionárias mudanças, com a ampliação das vozes da diversidade, de defesa dos direitos civis, de conceituações singulares nas áreas da etnia, crença, gênero, lembrando sempre que diferenças, se respeitadas, se harmonizadas, são benéficas ao desenvolvimento coletivo. Cabe-nos captar o chamado “zeitgeist” (o espírito do tempo), entender novas idéias, experiências, conteúdos surpreendentes de nossa era e não reativarmos ou estagnarmos em métodos ideológicos ou teológicos, quando não tribais, da antiguidade bíblica.

Quicá, para muitos, incluindo poderosos e oportunistas, o medo da incerteza, do vazio, do que virá, o depois. “A ânsia do poder não é originada da força, mas da fraqueza” (Erich Fromm). Não é, nem será, travessia fácil, expostos todos a vulnerabilidades, a exposições de riscos, a fissuras em toda a nossa antiquada doutrina unilateralista, a nossos estreitos juízos. Ao contrário de autocratas, de soberanos, o que precisamos é potencializar novas idéias, novas vozes, novas estratégias representativas da sociedade, em si tão plural, tão múltipla em sua composição e ascensão.

“No universo, só há uma lei: a mudança” (Heráclito). Através dos fatos históricos, a natureza social, política e civilizatória dos povos se modifica, inapela-velmente, sempre se buscando o bem estar da humanidade, a igualdade entre os homens, o progresso coletivo. Por trás dos fatos, o caráter transcendental, infalível da Divindade, à revelia de contextos teológicos, por mais rebuscados. O homem faz a história, o homem escreve a história, mas o comando é Superior e Supremo.

Cansados nos achamos de engessamentos, fisiologismos, dogmatismos, de conchavos político-partidários, de máfias econômicas, do poder pelo poder. Novos aspectos, frutos da globalização e tecnologia, da exploração cósmica, do avanço do pensamento, movem e mobilizam a cidadania, desafiam o poder anacrônico humano, convulsionam o nosso modus operandi. A hierarquia de costumes, padrões comportamentais sofrem diuturna erosão, inelutável revisão. Escolhas, condicionamentos não mais impostos, os direitos de livre pensamento e livre manifestação não inibidos. Novos conceitos de identidade de gênero, etnia, crença, etariedade a serem respeitados. “O mal da grandeza é quando ela separa a consciência do poder” (William Shakespeare)

Adivinhas/Charadas

- 1- Qual o peso de um peixe, se ele pesa 10kg a mais que a metade do seu peso?
- 2- O que o fósforo disse para a vela?
- 3- O que é que o gafanhoto tem na frente e a pulga tem atrás?
- 4- O que é que responde em qualquer idioma?

Respostas: 1) 20kg; 2) É por você que eu perco a cabeça; 3) A silaba ga; 4) O eco.

Provérbios e Adágios

- Macaco que muito pula, quer chumbo
- Quem não sabe sorrir, não abra porta de comércio
- Um pai cuida de dez filhos, dez filhos não cuidam de um pai
- Quem anda com cachorro, tem vida de cão
- A terra não come as lembranças, mas o tempo, sim, as espana

Para refletir

- *Apressa-te que amanhã eu morro e não te digo.* (Cecília Meirelles)
- *Somos feitos do mesmo tecido de que são feitos os sonhos.* (Shakespeare)
- *Sou um servo que não diz não.* (Paulo Leminski)
- *Nossos corações são como as aves: alguns já conquistaram a prodigiosa força da água; outros, contudo, guardam ainda a fragilidade do beija-flor.* (André Luiz)

ORAÇÃO DE FRANCISCO

Francisco Reis Bastos.*

Senhor, fazei-me instrumento da boa drenagem venosa.

Onde houver varizes, que eu leve cicatrização das veias doentes.

Onde houver manchas, que eu consiga clarear.

Onde houver edema, que eu instale boa drenagem linfática.

Onde houver febre e calor, que eu refrigere os tecidos.

Onde houver Insuficiência venosa, que eu leve a saúde vascular.

Onde houver peso nas pernas, que eu faça meu paciente sentir a leveza do caminhar.

Oh, Mestre!

Fazei-me agente da eliminação dos catabólitos.

É pela escleroterapia com espuma, que teremos melhor circulação e saúde.

*Membro Emérito da Academia de Medicina MG
www.franciscoreisbastos.com.br
Belo Horizonte. – BRASIL

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

O REFLEXO DO REFLEXO

Hoje vou pedir permissão para usar a 1ª pessoa do singular. Permissão para tratar de assuntos e sentimentos particulares em um espaço notadamente comunitário onde deveria prevalecer o interesse dos leitores. Com um pouco de otimismo considero ser possível esperar que no final tudo se acerte e tudo se ajeite, sem desculpas para pedir e sem ficar com a impressão de ter furtado alguma coisa.

Quando passamos a acreditar que podemos ser um projeto, um rascunho ou um arremedo de escritor somos também abordados por uma certeza ingênua, dotada levemente de uma arrogância perdoável por ser isenta de más intenções, de que temos muito a falar e escrever e, em consequência, o mundo deveria ouvir e ler!

Não temos tanto mérito acumulado e disponível e não é assim que o mecanismo funciona. Nós apenas refletimos para o futuro e para outras pessoas aquilo que nossa vida e o passado refletem em nós.

Escrevi um texto intitulado “Procura-se cuidador de memórias”, publicado pelo Boletim Sabores e Saberes poucos meses atrás, tratando da difícil tarefa de dar destino às pequenas, e vez por outra preciosas, coisas que acumulamos durante a vida.

Recebi um recado de Dona Cairu dizendo que gostaria de falar comigo, sem adiantar o assunto, na casa de sua irmã Zely, recentemente falecida. Cairu se mudou temporariamente para a residência da irmã quando esta adoeceu, ficando próxima, oferecendo o apoio e os cuidados necessários. Atendi ao pedido expresso no recado e quando cheguei, depois de algumas rápidas conversas preliminares, ela me mostrou uma mesa de copa inteiramente tomada por caixas, caixinhas, fotos, cartas, envelopes, saquinhos, livretos, documentos, objetos e etc. Uma bolsa carteira feminina em laca rígida chamava atenção. Era todo um acervo de vida deixado por sua irmã. Creio que comovida, confidenciou que estava vivendo e sentindo as mesmas preocupações expostas por meu texto. O que fazer com cada item daquela coleção de vida? Qual o valor aplicar em cada uma delas? O que seria absolutamente descartável? O que teria importância intrínseca para ser doado para o Instituto Histórico? Seguindo o fluxo do diálogo fiquei um pouco sensibilizado quando ela destacou de todo o conjunto e me apresentou uma caixinha de papelão preenchida com um vestidinho de batismo. O mesmo que Zely usou, há mais de 95 anos atrás. Se meu texto foi o primeiro reflexo, sentir um retorno de caráter tão pessoal e genuinamente autêntico foi o segundo. E para terminar, ainda insinuando traços de emoção, ela afirmou que quando terminasse aquela tarefa dolorida iria para sua própria casa arrumar a sua tralha pessoal de memórias para não deixar para os seus um legado difícil, quem sabe um inconveniente, uma missão de apertar o coração.

Alguns dias depois, por intermédio da Ana Clara do Banco SICOOB, chegou até a mim um e-mail enviado para a secreta-



Vestidinho de batismo de Dona Zely

ria do Boletim Sabores e Saberes cujo conteúdo era um pedido de informação sobre meus contatos, feito por Saulo Vieira, do Rio de Janeiro. Saulo Vieira, filho do Zezé do Correio, é arquiteto e instalou um escritório (Estúdio Carapina) na Rua Viegas em frente à Sede Social Santiaguense. Atualmente vive entre a capital carioca e São Tiago, ampliou o leque de suas atividades além da Arquitetura e para compor uma monografia de conclusão de uma especialização em Sociologia Urbana na UERJ “fez uma pesquisa acerca de objetos biográficos (fotografias, cartas, documentos e etc.), investigando sua produção, uso e circulação, pensando neste material como substrato de uma memória das pessoas comuns que mereceria uma maior atenção como produto cultural a ser pesquisado e salvaguardado”, em suas próprias palavras.

Folha de rosto da monografia de Saulo Vieira

Ele também leu a matéria publicada no número 201 do Boletim Sabores e Saberes. Não poderia passar despercebida tal coincidência de interesses e inquietações a respeito de um tema de maneira alguma corriqueiro, em textos de essências tão distintas e separadas por uma boa distância. O dele, um documento acadêmico robusto, de porte; o meu, uma página rápida de alguém em um dia meio melancólico! Outro reflexo do reflexo brilhou quando ele afirmou que “— Eu sou um cuidador de memórias!”.

O lembrete de que cartas e fotos são ótimos meios de produzir reflexos praticamente me obriga a não perder a oportunidade de amarrar uma história paralela a esse contexto. O Zezé do Correio, pai do Saulo, era carteiro de São Tiago e por uma ou duas vezes brinquei com ele: “— Há quanto tempo você não faz uma carta de amor chegar a seu destino?”. Resignadamente ele respondia que nem se lembrava, pois ultimamente era só boleto de cobrança, contas, impostos e propagandas. Pode ser que aqui resida uma razão que ampare algumas de nossas preocupações.

Assim, continuo na benevolência da 1ª pessoa do singular permitida, agradecendo à Cairu, filha do Tônico Ferreira, e ao Saulo Vieira, filho do Zezé do Correio. É desta forma que corriqueiramente nos referimos ao filho e seu pai, aqui nos cantos interiores de nossa terra, adubada de forma especial para manter as árvores de certos costumes. Eu devo retribuir com algo muito além que um simples agradecimento. De forma associada é necessário reconhecer o caráter especial e importante a mim direcionado no movimento de volta, algo que na prática repercute como a construção de um reflexo que retorna ao seu ponto de partida, onde estou.

Como naquelas páginas mágicas que mostram dois espelhos, um de frente para o outro, refletindo e rebatendo a mesma imagem até o infinitesimal, aceitamos a ideia de que o que nos trouxe até aqui foi o reflexo do reflexo. Em tese podemos esperar mais: o reflexo do reflexo do reflexo, e assim pela vida, ad aeternum.

Fabio Antônio Caputo

MORADORES DA CAPELA DE SÃO TIAGO – SÉCULOS XVIII-XIX – TESTAMENTO: ESMÉRIA DE ALMEIDA – ANO 1806

D^a Esméria de Almeida, moradora na Fazenda Capão Grosso, aplicação de São Tiago, fez seu testamento aos 04-12-1806. Era ela natural da capela de São Tiago, filha de José de Almeida e Silva⁽¹⁾ e Ana Maria de Jesus, np de Domingos da Costa Afonso⁽²⁾ e Maria de Almeida e Silva, nm de Domingos João Freire⁽³⁾ e Escolástica da Fonseca. Tanto Domingos da Costa Afonso quanto Domingos João Freire receberam sesmarias da Coroa Portuguesa em nosso meio, inícios/meados do século XVIII, antiga “Paragem do Rio do Peixe”, sendo, portanto, importantes povoadores iniciais do atual município de São Tiago.

Solteira, deixou como testamenteiros em 1º lugar seu tio Manoel da Silveira Machado, em 2º e 3º lugares, respectivamente, seus irmãos (da testadora) Manoel José de Almeida⁽⁴⁾ e Joaquim de Almeida Silva⁽⁵⁾. Manoel da Silveira Machado, testamenteiro, era filho de José da Silveira Machado e Maria Antônia de Jesus, casado aos 14-09-1784 na capela de São Tiago com Ana Maria de Almeida (esta tia consanguínea da testadora)

D^a Esméria de Almeida solicitou, em seu testamento: “meu corpo será envolto em hábito que tenha o roxo de Nossa Senhora das Dores, de quem sou irmã e sepultado na igreja ou capela mais vizinha e será encomendado pelo reverendo pároco ou capelão que residir e dirá, por minha alma, missa de corpo presente”.

Afirma a testadora: “Os bens que possuo são setenta e um mil réis (...) e mais o que me tocou nas terças das legítimas dos falecidos meus pais nesta Fazenda do Capão Grosso” e “cinquenta mil réis da promessa de uma esmola

que ficou deixar o Capitão Pedro Rodrigues de Faria...”⁽⁶⁾. E ainda: “Deve-me meu irmão José de Almeida Silva, que me tocar, um crioulo chamado Ignácio, o qual o dito meu irmão vendeu ao Cônego Joaquim Thomás Ribeiro⁽⁷⁾, serviu-se do dinheiro e me está devendo essa quantia, da qual nem ainda me prestou clareza”.

Solicita ao(s) testamenteiro(s) sejam custeadas todas as despesas de seu funeral e “mandarão dizer, logo depois de meu falecimento, cem missas de esmola costumada a saber: cinquenta ditas onde meu corpo for sepultado e outras cinquenta à eleição de meu testamenteiro”. Além de quatro missas “de esmola de meia oitava” pela alma de seus pais; “Ao Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, meia arroba de cera”; “A Nossa Senhora de Belém na capela de São Tiago uma promessa de altar no andor e sair em procissão e enterro e dar-lhe seis libras de cera” e esmolos a Luiza, Joana e Ana. “Nomeio e instituo por meus herdeiros, em todas as sobras dos meus bens, a minha irmã Ignácia, a minha irmã Mariana e a meu sobrinho José, filho de meu irmão Joaquim de Almeida, os quais todos os três, receberão igualmente”.

Assinou a rogo da testadora o sr. João Pereira de Sampaio e como testemunha o Alferes Antonio Joaquim de Andrade – Local – Fazenda Capão Grosso, Aplicação de São Tiago, propriedade de Manoel da Silveira Machado c/c Ana Maria de Almeida.

(Esméria de Almeida – Livro de Testamentos – n. 15 – ano 1805/1807 – Iphan/SJDR – transcrito pela Prof^a Edriana Nolasco, a quem muito agradecemos)

NOTAS

(1) José de Almeida e Silva, batizado aos 14-02-1746 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu), sendo padrinhos Pedro de Amorim Dantas e Quitéria Correia de Souza. Casou aos 11-01-1775 na capela de São Tiago com Ana Maria de Jesus, filha de Domingos João Freire e Escolástica da Fonseca, sendo testemunhas Jerônimo Ferreira da Silva e o Cap. João Rodrigues de Faria.

Irmãos de D^a Esméria de Almeida:

1. Manoel José de Almeida casado aos 14-01-1809 com Ana Francisca de Jesus, batizada aos 17-09-1781 em Tiradentes, filha de Francisco José da Silva Mattos e Inácia Maria dos Santos.

2. Joaquim de Almeida Silva, batizado na capela de São Tiago aos 28-12-1772, sendo padrinhos João José da Rocha e Micaela Marcelina de Gusmão. Casou aos 24-09-1804 na capela de São Tiago com Esméria Margarida de Santana, batizada aos 23-02-1785, filha de Joaquim José Ribeiro e Vitória do Carmo, sendo testemunhas Francisco de Paula Rodrigues Rego e João Pereira de Sampaio.

3. Maria Ignácia da Silva, n/b na capela de São Tiago, onde casou aos 20-09-1797 com Francisco José da Silva Mattos. Residentes em Oliveira.

4. José de Almeida Silva casou aos 29-10-1805 com Angélica Francisca de Jesus, filha de Francisco José da Silva Mattos e Inácia Maria de Jesus. Os filhos do casal – Joaquim, Antonio, José, Maria, Gertrudes, Cipriano – n/b na capela de São Tiago.

5. Vicente de Almeida da Silva, batizado na capela de São Tiago aos 10-04-1786, sendo padrinhos Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro e Esméria Clara. Casou aos 19-07-1808, na capela de São Tiago, com Ana Clara de Jesus Silveira, filha de Inácio da Silveira Machado e Maria Joaquina da Conceição, sendo testemunhas João Francisco André e Antonio Joaquim de Almeida. (Ver Box – Inácio da Silveira Machado).

6. Inácia Matildes da Silva, batizada na capela de São Tiago aos 02-05-1788. Casou aos 21-08-1822 com Pedro Nolasco de Afonseca, filho de Antonio Rodrigues da Fonseca e Maria Joana do Pilar. Residentes em Morro do Ferro, aparecendo no censo do curato de São João Batista (1831) como moradores do fogo 25, ele ferreiro, ela fiandeira, com quatro filhos e seis escravos.

7. João de Almeida Silva, batizado na capela de São Tiago aos 09-12-1789, sendo padrinhos José Antonio e Francisca Esméria. Casou aos 13-02-1809 na capela de São Tiago com Felícia Antonia de Oliveira, filha do Alf. Jerônimo de Souza Oliveira e Luiza Antonia Teodora (família Lemos Oliveira Godoy).

8. Mariana (mencionada no testamento de D^a Esméria de Almeida)

(Fonte: Os Costa Afonso – Projeto Compartilhar).

(2) Sobre Domingos da Costa Afonso, proprietário da Fazenda Capão Grosso e benfeitor da capela de São Tiago, ver matéria em nosso boletim n^o CV-junho/2016.

(3) Sobre Domingos João Freire, sesmeiro, ver matéria em nosso boletim nº CXXXIV–novembro/2018.

(4) Manoel José de Almeida c/c Ana Francisca de Jesus aos 14–01–1809 em Tiradentes, filha de Francisco José da Silva Matos e Inácia Maria dos Santos.

(5) Joaquim de Almeida Silva batizado aos 28–12–1772 na capela de São Tiago, sendo padrinhos João José da Rocha e Michaela Marcelina de Gusmão; c/c Esméria Margarida de Santana aos 23–02–1795 na capela de São Tiago, filha ela de Joaquim José Ribeiro e Rita Maria do Carmo, sendo celebrante o Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro. Dentre os filhos do casal, José, citado como beneficiário pela testadora Esméria de Almeida.

(6) Cap. Pedro Rodrigues de Faria, natural da vila de São José (Tiradentes), filho do Cap. João Rodrigues de Faria e Isabel do Rosário. Batizado aos 08–02–1761 na matriz de Santo Antonio da vila de São José. Era np de Antonio Rodrigues da Costa e s/m Águeda Rodrigues, naturais de São Mateus da Ilha do Pico, bispado de Angra e nm de Lourenço Vieira Pimentel e s/m Isabel Cardoso, naturais da freguesia de Nossa Senhora da Piedade, da dita Ilha do Pico, bispado de Angra.

O Cap. Pedro Rodrigues de Faria c/c D^a Ana Maria de Jesus aos 22–11–1784,, proprietários das Fazendas Retiro das Laranjeiras, Mata das Almas, Carapuça. Falecido aos 09–08–1823., em torno das quatro e meia da tarde, em sua fazenda Retiro das Laranjeiras, sendo sepultado no interior da matriz de Bom Sucesso (informações do historiador e pesquisador Vinicius Mata Oliveira, a quem somos reconhecidos).

(7) Cônego Joaquim Thomas Ribeiro de Miranda, natural de São José do Rio das Mortes (Tiradentes), onde foi batizado aos 29–04–1752, filho de José Ribeiro de Miranda e Maria Antonia de Santa Rosa. Capelão substituto da capela de São Tiago entre os anos de 1803 e 1804.



Aparição

Era copa do mundo/1986. Viemos eu, tia Anésia, Clarice, correndo de Sampa, fazendo baldeação. Kodak (36) poses estava carregada para os jogos do Brasil (México).

Chegamos em Bom Sucesso no dia 10/06/86. A casa estava cheia, pois, tio Orlando estava na UTI em Lavras.

Eu e primos estávamos sentados à mesa para um lanche, por volta das 20h, quando D. Helena Pimentel (vizinha) gritou: – Gennnteee, corre na porta da cozinha (a casa da tia, que ainda existe, é muito alta e tem uma escada para chegar embaixo). Corremos, a emoção foi inenarrável, uma nave oval, cheia de luzes e um som de

zummm zummm zummm zummm paralisante.

Clair grita: Dêcaaa corre pegar sua máquina lá no quarto da sala. Corri, peguei, usei todas as “poses” e ... de repente ela (a nave) faz um zum estonteante, levanta e num piscar de olhos, sumiu.

As fotos foram reveladas todas sem muito nexo. Passado um tempo, não tenho ideia quanto, Clarice me pediu as fotos para encaminhar para o Programa Flávio Cavalcante, que teria um especial sobre ovnis. Mas, para meu, nosso espanto as fotos desapareceram. Até hoje, lembrar é pura emoção. É reviver aquele dia.

Denise Romeiro Silva



Na foto o bebê Antônio Augusto de Paula, nascido em São Tiago,, filho de Joaquim Baptista Santiago e de Antônia Augusta de Paula, falecido em 11 de dezembro de 1.939, com apenas 2 dias de vida.

A BREVE JORNADA DOS ANJINHOS RECÉM-NASCIDOS

No século XIX, a mortalidade infantil, especialmente entre os recém-nascidos, era alarmantemente alta. Narrativas em livros e relatos de antepassados confirmam essa realidade. A religiosidade e os costumes sociais desempenhavam um papel de solidariedade, com o intuito de garantir a salvação da alma do recém-nascido, levando à urgência de seu batismo. Outro costume era a prática de tirar retratos de pessoas falecidas, incluindo as crianças que morreram, com a finalidade de preservar a memória e registrar a breve vida dessas crianças na lembrança familiar, pois não era comum fazer fotografias.

Na foto o bebê Antônio Augusto de Paula, filho de Joaquim Baptista Santiago e de Antônia Augusta de Paula, falecido em 11 de dezembro de 1.939, com apenas 2 dias de vida.

O termo “anjinhos” era comumente utilizado para se referir a bebês ou recém-nascidos que haviam falecido, como uma forma de acalmar e consolar para os familiares que enfrentavam essa dolorosa perda. A expressão simboliza a ideia de que essas almas são puras e agora estão em lugar paz, amor e serenidade. Retornaram de onde vieram.

A perspectiva é compartilhada em diversas tradições culturais e religiosas, que frequentemente veem esses pequenos como seres singulares, puros e próximos do sagrado. No âmbito espiritual, muitos percebem esses anjinhos como luzes temporárias que vieram a este plano terrestre para cumprir um propósito, mesmo que este não seja plenamente compreendido. As roupinhas usadas no velório em tons de branco simbolizavam a pureza, a paz e a inocência, enquanto os matices de azul ou lilás estavam associados à espiritualidade e à passagem.

Este triste período da história ocorreu em um momento que as dificuldades eram grandes e a medicina ainda não estava tão desenvolvida, levando muitos a buscar a ajuda de benzedores e a utilizar práticas e remédios naturais para tentar salvar vidas, mas nem sempre era possível devido à complexidade e

a falta de recursos da saúde pública, que quase nem existia.

Há um relato comovente de uma mãe que perdeu seus filhos gêmeos, um episódio triste que se desenrolou em um ambiente rural; após o parto, a tia das crianças permaneceu acordada a noite inteira confeccionando as roupas, mergulhada em lágrimas pela tragédia que ocorreu. Os bebês foram levados para sepultamento na cidade: um bebê no colo do avô materno, enquanto o outro foi levado pelo avô paterno, indo a cavalo.

A tragédia da perda de um filho é uma das experiências mais dolorosas que alguém pode vivenciar. Essa situação desafia a lógica natural da vida, onde os pais anseiam por ver seus filhos crescerem e percorrerem seus próprios caminhos. A dor é profunda, mas cada mãe e pai encontra maneiras singulares de enfrentar o luto e o vazio deixado pela perda. Talvez alguns tentam, mas não conseguem superar e vivem a vida toda lamentando e sofrendo. As diversas doenças da época, como febre amarela, sarampo, catapora, coqueluche, pneumonia, entre outras, poderiam ser fatais até mesmo em crianças maiores. Havia uma grande mortalidade infantil, o que pode ser confirmado em registros cartorários de óbitos.

Durante o século XIX, os médicos começaram a prestar mais atenção aos recém-nascidos. Com base em pesquisas, pediatras, obstetras e outros profissionais da saúde estabeleceram diretrizes de cuidado infantil e criaram equipamentos, destacando-se a incubadora, que se tornou um marco revolucionário no atendimento a bebês prematuros.

Graças aos avanços científicos e tecnológicos, à especialização da medicina, às vacinas, ao acompanhamento pré-natal, à água tratada e a outros cuidados com a saúde pública, hoje em dia não perdemos tantas crianças como antigamente, o que ameniza um pouco dessa grande dor.

Fernando de Castro Campos

ENTRE LENDAS E REALIDADES:

A IMAGINAÇÃO MINEIRA E SUAS ASSOMBRAÇÕES



Chegava o fim da tarde, quando o sol se escondia atrás da imensidão das pastagens e serras, trazendo consigo a escuridão da noite. Naque-la época, quando a energia elétrica ainda não existia, as luzes de lampião eram a única forma de iluminar a casa da fazenda.

As fazendas de Minas Gerais, cercadas por lendas e histórias de assombração, fascinavam os visitantes. Muitos acreditavam que elas guardavam os ecos de eventos trágicos do passado, como conflitos familiares e mortes misteriosas.

Em São Tiago, não era diferente. Uma das histórias mais conhecidas era a de uma mulher que, após perder seu filho em um acidente, passou a vagar pela fazenda, em busca dele. Moradores contavam que, nas noites de lua cheia, avistavam uma figura feminina envolta em um manto branco, lamentando-se ao vento. Havia também a história de uma mulher que perambulava, procurando ajuda para retirar um amuleto que a impedia de seguir o caminho da luz, rumo ao além.

Assim, a família se reunia na sala. Uma das únicas formas de passar o tempo era contar essas histórias, que iam desde relatos sobre os antepassados até as mais misteriosas. Não podia faltar, é claro, a reza do terço, pois logo todos se preparavam para dormir e acordar cedo, com o nascer do sol.

Havia histórias que descreviam sons estranhos, como risos infantis e sussurros, que ecoavam pelos corredores

antigos. A atmosfera da fazenda, com suas construções em ruínas e a natureza ao redor, intensificava o mistério e atraía curiosos em busca de emoções sobrenaturais.

Uma fazenda, em particular, localizada na Sismaria, com seus vários cômodos e sete janelas, carregava muitas histórias, inclusive sobre os antigos proprietários. Eram relatos da época dos escravos, do trabalho na lavoura, e de muitas outras histórias, boas e ruins, incluindo as de as-

sombração.

Dizia-se que, sempre à meia-noite, podiam ser ouvidos barulhos estranhos: sons de correntes arrastadas e batidas de ferro. Numa dessas noites, depois de algum tempo dormindo, uma família acordou ao ouvir os mesmos sons. O medo tomou conta deles, instigando a imaginação, e ninguém se atrevia a sair do quarto para verificar o que estava acontecendo.

As crianças gritaram pela mãe. Embora também assustada, a mãe tentou acalmar os filhos, querendo provar que não havia nada de sobrenatural. Abriu as janelas de madeira, e a lua cheia iluminava a parte de trás da casa. Olharam com receio e, para surpresa de todos, descobriram que o barulho vinha de um cavalo preso. Ele balançava as correntes e batia as patas nas pedras do terreiro, produzindo o som característico.

Aliviados, todos voltaram a dormir, mas as histórias continuaram a ser contadas, alimentando a imaginação daqueles que visitavam o local.

Fernando de Castro Campos

INOVAÇÃO DA MODA E INTOLERÂNCIA – O USO DE CALÇAS COMPRIDAS PELAS MULHERES

Costumes, hábitos, modos, indumentária e até valores mudam, modificam-se com os tempos. Assim, uso de calça comprida pela mulher, hoje um fato consumado e valorizado, obedece a uma polêmica história. Culturas orientais, como a japonesa, indiana e mesmo turca permitiam à mulher o uso de calças compridas, ainda que sob saias, ocultando os traços anatômicos. Segundo historiadores, a moda da calça comprida foi introduzida na Europa, ainda na Idade Média, por viajantes que vinham do Oriente, inspirada nas calças bufantes indianas.

As próprias grandes civilizações ameríndias (incas, maias e astecas) utilizavam roupas elaboradas, talhe longo, como túnicas, mantos, capas, ao contrário dos indígenas do sul do Continente americano, mais primitivos, (Brasil, em particular) que andavam nus. Os incas desenvolveram uma tecelagem avançada, produção de trajes coloridos, utilizando-se da lã de lhamas e vicunhas, técnicas ainda hoje utilizadas pelos quíchuas e aimarás dos Andes. Maias e astecas confeccionavam suas vestes, com o emprego de algodão ou fibra de sisal. Mesmo os índios norte-americanos como os pele vermelhas, sioux, vestiam-se com roupas longas, vistosas e coloridas.

A Revolução Francesa proibiu, por sua vez, o uso de trajes masculinos pelas mulheres, a famosa “lei das calças”. O uso do pantalon, feito de algodão grosso, pelos “sans culotes”, representava um rompimento com a aristocracia – cujo símbolo eram os culotes, calções com meias de seda – não sendo tal uso, porém, permitido ou estendido ao guarda-roupa feminino. Em meados do séc.XIX, surgiu nos Estados Unidos um movimento contestador liderado por Amelia Blommer que defendia o uso de calças afofadas, utilizadas sob vestidos largos de comprimento médio, que iam até os tornozelos – modelo que ficou eternizado como “calças Blommer”. Este modelo, sem saias até os joelhos, passou, porém, a ser utilizado como traje esportista, a partir de 1890, pelas atletas que praticavam ciclismo (pedalar bicicletas) e envergadas ainda em praias, campos de lazer, serviços de jardinagem etc.

Há referências, ademais, ao uso de calças por meninas e jovens que trabalhavam nas minas de carvão de Wigan, em plena Inglaterra vitoriana. Elas vestiam saias sobre as calças, enrolando-as à altura da cintura, para melhor se locomoverem e trabalharem. Mulheres que trabalhavam nas fazendas do oeste americano utilizavam calças de equitação. Em princípios do séc. XX, aviadoras usavam calças compridas, tidas como práticas e funcionais. Houve tentativa de algumas jovens parisienses, em 1911, de uso em público do modelo “jupe culote”, que era uma calça bufante sobre uma túnica. O fato causou rebuliço, gerando tumultos e hostilidades às usuárias em plena Av. Central. Nessa mesma época surgiria a saia-calça (saia entrvada).

Em 1909, o estilista Paul Poiret lançou a famosa “calça odalisca”, estilo reforçado na década de 1920 por Coco Chanel, época em que surgem os primeiros “tailleurs”. A década de 1920, aliás, foi um instante de prosperidade, dos jazz-bands, dos espetáculos de ópera e teatro, dos filmes de Hollywood, onde a sociedade buscava copiar a ousadia dos atores do cinema no vestir e no viver. Época de grandes figurinistas: Jacques Doucet, Coco Chanel, Jean Patou.

Na 2ª Guerra, a escassez de roupas novas fez com que as calças fossem assimiladas pelas mulheres no uso cotidiano e no espaço urbano, inicialmente nas fábricas, cujas atividades operacionais foram assumidas por mulheres, com o emprego de macacões, aventais, etc. Muitas dessas calças eram dos próprios maridos e filhos, que se achavam em combate, nas linhas de frente. A calça comprida tornar-se-ia um componente inerente ao guarda-roupa feminino, incluindo os chamados “terninhos de guerra”, embora a resistência, como de sempre, de conservadores e religiosos. A própria sociedade, refletindo o seu comportamento evolutivo, acabou por assimilar inovações da moda por parte das mulheres, aí inclusive o repertório “masculino”. Anos antes, na década de 1930, as calças se tornariam populares entre as es-

telas de Hollywood. Marlene Dietrich em seu filme “O anjo azul” (1930), representando a personagem Lola, aparece vestida de homem, terno tipo smoking, estilo que viria a se popularizar nas décadas seguintes. A mesma atriz se apresentava em trajes masculinos em ensaios publicitários, na vida familiar e social, fortalecendo a tendência da apropriação de trajes “masculinos” pelas mulheres. Em 1947, Christian Dior lançaria o estilo “New Look” (“Novo Olhar”) com roupas que valorizavam a feminilidade, o glamour, realçando o busto e os quadris. Outra atriz que ditou moda e serviu de modelo para utilização de trajes “masculinos” foi Katharine Hepburn, deixando-se fotografar, dessa forma, na encenação da peça “Os milionários” (1952). Em 1960, o figurinista André Courreges sacramentou o uso de calças compridas para mulheres como item de moda (a era do “pantysuit” e do corte jeans).

A Igreja – ou, pelo menos, alguns de seus segmentos – se opôs ferreamente ao uso de “roupas masculinas” pelas mulheres, provocando polêmicas e repressões que se estendem até hoje, capitaneadas principalmente por algumas denominações evangélicas. Sem falar nos retrógrados segmentos islâmicos, com sua criminosa e cruel repressão às mulheres...

UMA “ESCAPULIDA” DE CALÇA COMPRIDA ATÉ A RUA E UM “SENHOR” QUIPROQUÓ

A vida transcorria plácida, sem maiores turbulências ou sobressaltos, por aquelas ruas e momentos, ritmo resignado de cidade pequena, pacata. Estávamos aí pelos meados do século XX. A localidade: PT.

Amin Brumana, artista local – para muitos, um excêntrico, um diferenciado – liderava um conjunto musical, constituído por membros de sua família; na verdade, uma espécie de orquestra de câmara (violino, violão, oboé, flauta, violoncelo) que se exibía em espetáculos e apresentações musicais, incluindo até mesmo alguns números cênicos, seja em teatros, clubes, circos, animações de festas, bailes etc.

pela região e por outros rincões do País. Uma modelar família de músicos e atores, as filhas, algumas adolescentes, vestiam-se e apresentavam-se com diferentes figurinos, por vezes roupas longas, estilizadas a la homme, ou ainda em trajes mais liberais, com a audácia, a excelência, o encanto, graciosidade e liberalidade tão peculiares aos artistas. Para alguns conservadores, tais vestes soavam exóticas, inadequadas, inusitadas. Vivazes, elegantes, tinham as moças, com o acompanhamento paterno e capacitação em escolas de arte, reconhecidos méritos para as artes cênicas – dançarinas, instrumentistas, cantoras, declamadoras de poemas desde os clássicos, românticos até populares e de raiz, execuções graciosas que encantavam a todos.

Embora as temporadas realizadas além-fronteiras, Brumana e seu conjunto dedicava(m)-se às iniciativas locais e/ou eventos regionais e mesmo nacionais, abrillantando bailes, festas de formatura, bodas, missas, sumamente atuantes, membros inclusive do coro da Igreja matriz da cidade.

Naquele verão, percorreram inúmeras cidades paulistas em shows programados, dali retornando à terra natal, PT, onde residiam. Os ensaios coreográficos e musicais, via de regra, eram processados na casa de residência, no centro. Certa tarde, quarta ou quinta feira insossas, cidade com sua habitual pasmação, uma das jovens artistas, habituadas às turnês País afora, usando roupas cênicas, muitas delas “masculinas” saiu à rua, questão de minutos, indo até a sorveteria próxima, vizinha à sua residência, comprar um sorvete. Ali, na sua jovial espontaneidade, conversa um pouco com pessoas frequentadoras do bar e alguns transeuntes e vizinhos, via de regra admiradores daquela singular família de artistas. Trajava ela uma calça comprida larga, cintura alta, bainha estreita, a que se dava en-

FONTE: METMUSEUM/ DOMÍNIO PÚBLICO



Modelo odalisca de Paul Poiret

tão o nome de modelo "baggy", inspirado em indumentária negra norte-americana. Giro ligeiro, espontâneo, momentâneo, mas que iria render ...e muito!

Beatas que por ali passavam ou bisbilhotavam a vida alheia das janelas dentre as cortinas entreabertas, num átimo levam o assunto ao pároco local. Incontinenti, o sacerdote desloca-se até a rua, podendo observar, de relance, a jovem em seu périplo. Serelepe, esgueira-se até a sacristia da Igreja Matriz, liga o sistema de alto falante, e dispara, em toniotroante som, sob a capa ou argumento de defesa do pudor e da moral, uma série de ofensas à jovem, expondo-a à execração pública. Era o serviço de som das Igrejas, naqueles tempos – geralmente possantes, atingindo todo o perímetro urbano – a única forma de veiculação, não só de fins religiosos, mas de assuntos de interesse da comunidade em geral.

Toda a população pode ouvir o sacerdote proclamar, aos quatro ventos, volume ao máximo, que a cidade estava maculada e insultada por uma jovem se portando de forma "indecente", "sem princípios" a desfilarem acintosamente pela praça, envergando trajes "libidinosos", "indecorosos", "incompatíveis com a dignidade humana", típicos ou apropriados a uma "rameira". Percebendo a afronta, ou para tal advertida por alguém, ali indefesa, incauta, pega de surpresa, a jovem rapidamente retorna ao lar, enquanto lá fora prosseguiram as invectivas do pároco. Tema que tomou conta de toda a cidade, surgindo os mais variados comentários e mexericos, prós e contra

Domingo se avizinando. Tradicional missa das 10 horas oficiada cerimoniosamente, com a presença de autoridades, fazendeiros e suas famílias, ao lado de lideranças e pessoas representativas da comunidade. Brumana e familiares, como de praxe, ensaiavam os números canônicos a serem apresentados pelo coral da Igreja, geralmente hinos religiosos, cantos gregorianos e sacras. Daquela vez, o músico esmerara-se ao máximo, emprestando tudo de si para uma primorosa apresentação. A alma dolorida, apertado coração, o peito confrangido de cidadão e pai ultrajado.

Inicia-se a missa, com o ritual próprio, solene. Chega a hora das leituras, via de regra, textos selecionados e extraídos do Velho e Novo Testamentos, conforme a liturgia. Encerrados esses, o vigário solicita aos presentes que se sentem, passando-se à homília. Naqueles tempos, o oficiante deslocava-se do altar, descendo até o púlpito que ficava no centro do templo. Tão logo o sacerdote, após se posicionar no púlpito, inicia sua protocolar saudação aos presentes "Meus irmãos, minhas irmãs", súbito troar de passos, em ritmo cadente, oriundo dos fundos, percorre toda o interior da igreja, repercutindo do chão até a nave. Era Brumana, acompanhado da filha, dirigindo-se ritmada, ousadamente em direção ao púlpito. – "Um momento, Reverendo!", fêz-se ouvir, alto e bom som, o apelo do pai, o sangue libanês aflorado...

A filha sobriamente vestida, um conjunto de tweed, saia ligeiramente rodada, blusa de tafetá, gola alta arredondada, mangas ¾. Ele, de igual forma, impecavelmente vestido, indumentária social. Era necessário falar. A dor de um pai ferido, a filha afrontada, exposta às feras, à desonra social, exigia que falasse, desabrochasse sua repulsa, seu inconformismo, ainda que enfrentando todo o poder e a inferência do pároco, mormente ante uma assembleia solene de fiéis, numa cidade e numa época de hábitos ainda acentuadamente conservadores.

– V.Revmª deve-nos uma explicação, uma retratação: especial à minha filha ultrajada, e a mim, seu pai, aqui presentes e a todos os pais que poderiam estar na mesma situação, vítimas de uma agressão pública gratuita, impensada e inaceitável...

– Mas, o que ocorre aqui? Como ousa interpelar-me?! Estaremos, acaso, em um momento de loucura e de perjúrio?! Se o sr. se refere ao deplorável espetáculo desta semana protagonizado por sua filha, esclareço-lhe que agi e agirei destemidamente, em legítima defesa da moral católica e na qualidade de pastor desse rebanho, não posso tolerar falta de decoro, a invasão de perniciosos modelos ultrajantes aos nossos princípios e de nosso piedoso rebanho...Para mim, assunto encerrado!

– Um momento. V.Revmª não tinha e não tem o direito de se ocultar em uma sacristia, utilizar-se de sistema de alto-falante, financiado por nossos dízimos, para afrontar, a seu bel prazer, a honra alheia, se imiscuir em assuntos de foro íntimo de seus paroquianos ou ditar conveniências, comportamentos de natureza social, o que compete tão somente a legisladores e autoridades civis.

E prosseguiu, ante o olhar de espanto de todos:

– Se V.Revmª assim age nas sombras, eu não! Faço-o aqui de público, de mãos e verbo desarmados e requisito uma explicação, ante toda a conceituada sociedade local aqui presente, o peito descoberto e convulsionado, alma em brasa, mas consciência lavada, limpa... E prosseguiu: – Ao invés de um olhar tolerante, silencioso, legítimo do ponto de vista cristão, V.Revmª valeu-se da crítica acusa-

tória, avassaladora, inquisitiva para com minha filha, uma jovem indefesa, ainda em processo de formação. Sequer Jesus, com todo o poder que dispunha, censurou assim a mulher pública, à mercê de seus detratores. Pelo contrário, defendeu-a denodadamente de seus perseguidores, perdoando-a. Pergunto-lhe, reverendo, ante a assembleia que nos assiste neste constrangedor embate: Por que o sr., como servo de Cristo, não teve a mesma postura ante uma jovem de família, educada na fé católica, aqui nascida, de todos conhecida e tendo se utilizado para injuriá-la da mais reles linguagem de cortiço?!

O pároco, estarecido, surpreso, busca forças para se recompor.

– Cale-se, seu apóstata...

O homem, porém, prossegue impávido:

– Deixe-me concluir, Reverendo. Tenho, como já disse e de público, o direito de não silenciar, de não deixar-me sufocar pela omissão, na qualidade de pai, cidadão e fiel ofendido. Apelo, a meu favor, o direito da consciência, do sentimento de justiça, do testemunho do Cristo que nos determinou o perdão, a tolerância, a fraternidade e para tanto a sua retratação.

Vendo que ninguém se movia, o pároco busca envolver os fiéis, ali paralisados, proclamando reação:

– Este sagrado templo vê-se violado, meus irmãos e irmãs...Não podemos permitir que a força maligna, mercadores aqui adentrem e nos desafiem...

Algumas beatas ensaiam um canto desafinado. Juiz de Direito, prefeito, vereadores ali presentes em contrito mutismo, a quem a assembleia atônita passou a dirigir arguciosos olhares. Silêncio, porém, por todos os vestibulos.

Dois homens, dois titãs, ali se mediam. Algo jamais imaginado, presenciado. Num, o poder, o arbítrio de séculos em nome do Divino, que as religiões julgam deter – ou mesmo da boa fé, do dever de contestar e exprobar comportamentos anômalos, mas que ferem direitos; de outro, um cidadão comum, zeloso pai de família, homem do mundo das artes e assim mais liberal em seus juízos, ali altaneiro, indignado ante as afrontas públicas a que a filha adolescente, menor, fora exposta... Num, a força hierática, hierárquica, supremacista, que se pretende senhora da verdade e do direito; noutro, a postura acalorada, mas sobranceira, de um servo que busca justificativa para o opróbio que lhe atingira a família, a tenda doméstica.

O músico, enfim, encerrou suas palavras, dirigindo-se aos demais fiéis: – Falo aqui não só pelos que se calam, mas também pelos que exorbitam, ainda que se julgando bem intencionados, como o caso presente.

Voltando-se para o oficiante, informou:

– Se V.Revmª me permite, retornarei ao coro para darmos sequência à Santa Missa. Minha honra e a de minha família estão sanadas...

O sacerdote, surpreendentemente, teve uma atitude nobre, luminosa desarmando os espíritos. – Requisito as devidas escusas pelos fatos que culminaram e confluíram para este doloroso momento. Convido o sr. Amin e filha para uma conversa amigável, após a santa missa, e a quem mais queira presenciar. No que foi aplaudido por todos.

Isso feito, deu-se sequência normal à solenidade. Um fato, porém, que passou a posteridade e para as devidas reflexões...



O ENGENHEIRO CIVIL

Quando era simples escolher uma profissão de prestígio e valor social, considerava-se apenas uma pequena lista de possibilidades que continha Médico, Advogado, Religioso, Militar e Engenheiro. Também era imediato entender o que era e o que fazia o último. A Engenharia, depois disso, foi tão pulverizada em tantas especializações modernas e modernas



Mesa do Engenheiro – Fonte: pereiraprado.com.br

que hoje não é fácil ter essa clareza. É possível encontrar, por exemplo, Engenharia Mecatrônica, de Software, Ambiental, de Produção, Hídrica, Têxtil, Biomédica e por aí vai e depois piora! Aqui, está se falando primordialmente do Engenheiro Civil: o mais numeroso e o mais conhecido (ou não!). É considerado o Clínico Geral da Engenharia, atendendo às necessidades de todas as outras disciplinas.

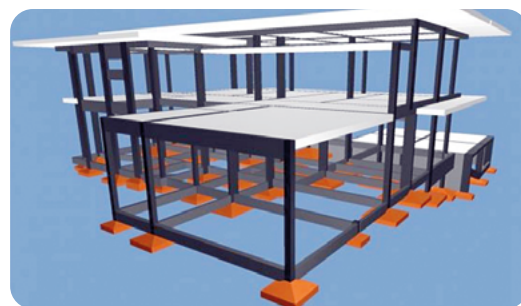
Aquele que em tempos passados mostrava interesse em ser Engenheiro deveria desde logo ir se acostumando em receber uma provocação constante em forma de pergunta: “- Ah, então você é Engenheiro? Trabalha no engenho!”. Não se define qual tipo de engenho, mas historicamente é o engenho de cana de açúcar funcionando por tração animal girando as peças horizontais que se projetavam da moenda central. Trabalhar no engenho poderia ser um funcionário da fazenda. Poderia, mas não era. O trabalhador era o burro que fazia rodar o equipamento andando em círculos.

A postura das pessoas frente ao conhecimento do Engenheiro é intrigante. Questionam o Engenheiro sobre tantas coisas difíceis de outras especialidades (difíceis até para os próprios especialistas), e no caso de receberem a resposta de que não sabe se surpreendem: “-Uai, mas você não é engenheiro?”. Por outro lado, quando o Engenheiro empenha seus conhecimentos na execução do projeto definindo a dimensão da base de fundação em 80 cm, a reação é imediata: “-Mas você tá ficando doido? Isso é para aguentar quantos andares?”.

O Engenheiro Civil basicamente, mas não exclusivamente

te, se divide entre as atividades de consultoria e projeto ou acompanhamento de obras. O público em geral desconhece, ou não é convenientemente informado, de suas atribuições mais costumeiras. Então, é comum encontrar pela frente a seguinte pergunta: “-Você é engenheiro? Você pode traçar (desenhar) uma casa para mim?”. Engenheiro civil não faz ou não deveria fazer projeto arquitetônico. Essa é uma discussão antiga que divide a Engenharia e a Arquitetura sobre a definição dos limites de atuação de cada uma, chegando até aos tribunais de justiça. Para desenhar sua casa, procure um arquiteto, o profissional mais indicado. De qualquer forma o Engenheiro Civil acaba herdando os pecados dos outros: “-Estou chateado! Acredita que a cozinha da casa que estou construindo ficou pequena e o engenheiro da obra não viu?”. Muito provavelmente não foi o Engenheiro que definiu seu infortúnio.

Por ter uma formação mais generalista o Engenheiro Civil funciona como um coringa em várias áreas, em claro desvio de função. Essa formação generalista, sua versatilidade ao propor soluções e resolver problemas, sua visão de conjunto e sua necessária intimidade com a Matemática, mínima que seja, são úteis em áreas emergentes ou em estruturas que tratam com um universo de variáveis. Quando os primeiros computadores pessoais começaram a entrar nos escritórios e empresas foram os engenheiros aqueles que aceitaram o desafio de, sem tutoriais, manuais e bibliografia, colocar o equipamento para funcionar, inclusive nas áreas de cálculo e processamento da própria engenharia. Foram



Projeto Estrutural Digital em 3D – Fonte: ambient.srv.br

eles que prepararam o terreno para que os primeiros profissionais formados para a área não encontrassem um vazio repleto de obstáculos.

O Engenheiro Civil costumeiramente é surpreendido por perguntas à queima roupa em armadilhas espertas: “- Será que dá para construir mais dois andares em cima dessa casa?”, “- Posso demolir essa parede para juntar a sala e a copa?”, “- Uma viga de 40 cm aguenta esse vão?”. É inútil tentar informar aos donos das questões que em Engenharia, com estudo e projeto, tudo é possível desde que algum item fundamental seja negligenciado: estética, custo e tempo. Eles continuarão achando que a próxima frase do diálogo trará facilmente sua resposta.

Pela natureza do seu trabalho o Engenheiro Civil assume a responsabilidade por vidas, recursos financeiros, sonhos e destinos. A língua ferina diz que o erro do Médico a terra esconde e o erro do Agrônomo a terra evidencia. Para o erro do Engenheiro nem é necessário que alguém faça a denúncia, pois os escombros sobre o solo já bastam para o mais perfeito flagrante. Por isso nossa missão é projetar e não responder frivolamente suposições.

Desde o início dos tempos existiu a figura do Construtor, um misto de Arquiteto e Engenheiro que desenhava, calculava e executava as construções. O Engenheiro, em qualquer de suas versões, começou projetando com papiro e carvão, depois papel e grafite, seguidos por papel vegetal e nanquim, passando para desenhos gerados em computador e agora projetos em três dimensões. É obrigatório evoluir para manter o bom nome do Engenho onde trabalhamos.



O Engenheiro e a Obra – Fonte: suaobra.com.br

Fabio Antônio Caputo

Maratona da vida X Persistência da formiga

Um sábio observava uma formiga que carregava uma enorme folha. A formiga era pequena e a folha devia ser dez vezes maior que ela e era um grande sacrifício carregá-la. Ela arrastava, colocava sobre a cabeça. Quando o vento batia, a folha tombava e até a formiga caía junto. Foram muitos os tropeços, nem por isso a formiga desanimou.

Quando chegou próximo de um buraco, o sábio pensou que era a porta da casa da formiga: "Até que enfim ela chegou".

Ilusão. Na verdade, havia apenas terminado uma etapa.

A folha era muito maior do que a boca do buraco, o que fez com que a formiga a deixasse do lado de fora. Foi aí que o sábio disse a si mesmo: "Coitada, tanto sacrifício para nada". Mas ela o surpreendeu.

Do buraco saíram outras formigas, que começaram a cortar a folha em pequenos pedaços. Em pouco tempo, a grande folha havia desaparecido.

A reflexão que essa parábola traz é a importância de

conseguirmos ter:

Tenacidade para "carregar" as dificuldades.

Perseverança para não desanimar diante das quedas.

Sabedoria para dividir em pedaços o fardo que, às vezes, se apresenta grande demais.

Humildade para partilhar com os outros o êxito da chegada, mesmo que o trajeto tivesse sido solitário.

Não desistir da caminhada, mesmo quando o fardo é pesado, a visão atrapalha e não seja possível ver com nitidez o caminho a percorrer.

E não podemos esquecer que na vida, como nas Olimpíadas "Juntos" fazemos a diferença. Sozinho ninguém chega lá, mesmo que participe de uma modalidade individual, terá que contar com o apoio da equipe.



O furo no barco...

Um homem foi chamado para pintar um barco. Trouxe tinta e pincéis, e começou a pintar o barco de um vermelho brilhante, como fora contratado para fazer.

Enquanto pintava, viu que a tinta estava passando pelo fundo do barco. Percebeu que havia um vazamento e decidiu consertá-lo. Quando terminou a pintura, recebeu seu dinheiro e se foi.

No dia seguinte, o proprietário do barco procurou o pintor e presenteou-o com um belo cheque. O pintor ficou surpreso: O senhor já me pagou pela pintura do barco! – disse ele.

Mas, isto não é pelo trabalho de pintura. É por ter consertado o vazamento do barco.

Ah! Mas foi um serviço tão pequeno... Certamente, não está me pagando uma quantia tão alta por algo tão insignificante!

Meu caro amigo você não compreende. Deixe-me contar-lhe o que aconteceu.

Quando pedi a você que pintasse o barco, esqueci de mencionar o vazamento.

Quando o barco secou, meus filhos o pegaram e saíram para uma pescaria. Eu não estava em casa naquele momento. Quando voltei e notei que haviam saído com o barco, fiquei desesperado, pois lembrei que o barco tinha um furo. Imagi-



ne meu alívio e alegria quando os vi retornando sãos e salvos.

Então, examinei o barco e constatei que você o havia consertado! Percebe, agora, o que fez? Salvou a vida de meus filhos! Não tenho dinheiro suficiente para pagar a sua "pequena" boa ação.

Não importa para quem, quando ou de que maneira: ajude, ampare, escute com atenção e carinho, e conserte todos os "vazamentos" que perceber, pois nunca sabemos quando estão precisando de nós ou quando Deus nos reserva a agradável surpresa de ser útil e importante para alguém.

Esse Einstein...

Duas crianças estavam patinando num lago congelado da Alemanha. Era uma tarde nublada e fria, e as crianças brincavam despreocupadas. De repente, o gelo se quebrou e uma delas caiu, ficando presa na fenda que se formou.

A outra, vendo seu amiguinho preso e se congelando, tirou um dos patins e começou a quebrar o gelo com todas as suas forças, até que conseguiu libertar o amigo.

Quando os bombeiros chegaram e viram o que havia acontecido, perguntaram ao menino:

Como você conseguiu fazer isso? É impossível que te-

nhá conseguido quebrar o gelo, sendo tão pequeno e com mãos tão frágeis!

Nesse instante, o gênio Albert Einstein que passava pelo local, comentou:

– Eu sei como ele conseguiu. Todos perguntaram:

– Pode nos dizer como?

– É simples, respondeu o Einstein.

– Não havia ninguém ao seu redor, para lhe dizer que não seria capaz. "Deus nos fez perfeitos e não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos". Fazer ou não fazer algo, só depende de nossa vontade e perseverança.

VENDEDORES AMBULANTES E PREGOEIROS DE ANTIGAMENTE

A grande magia, envolvente fonte de fantasia para as crianças de antigamente eram os mascates e vendedores itinerantes. Traços que permaneceriam indelévels, evocativos na alma infantil. Passavam pelas ruas da cidade, mormente em épocas de festas, expondo, de forma lúdica e cênica, quando não excêntrica, seus produtos, muitos deles novidades tentadoras e irresistíveis (para as crianças, aquele universo de balas, doces, pipocas, quitandas, maçãs, sorvetes...). Muitos deles, vestidos de forma até folclórica, utilizando-se de malabarismos e



acessórios teatrais populares como bonecos, mamulengos. Personagens peculiares que recebiam vários nomes (apelidos) conforme a criatividade popular: mascate, matraca, corneta, pechilingueiro, miçangueiro, regatão, turco etc.⁽¹⁾

Os pregões eram/são ainda uma das mais significativas manifestações folclóricas. Cantados, falados, musicados, cada cidade ou produtos com seus refrões, seus tipos peculiares, o uso de recursos instrumentais como búzios, campainhas, apitos, matraca, compondo a memória coletiva. Cantos, interpelações, récitas, jingles utilizados criativamente, mormente em décadas passadas, por vendedores ambulantes, época em que predominavam os ofícios manuais e a produção artesanal de petiscos, vendidos na rua e/ou a domicílio, atividades que, no tempo da escravidão, eram realizadas principalmente por escravos.

“Os pregões de rua são vozes ou pequenas melodias com que os vendedores ambulantes anunciam a sua mercadoria. São conhecidos no mundo inteiro e em todos os tempos. Podemos dividi-los em duas categorias: os individuais em que o vendedor escolhe uma maneira de apregoar, valendo-se muitas vezes de melodias conhecidas, de emboladas, modinhas, maxixes, sambas e até mesmo de árias vulgarizadas e os genéricos, que são utilizados por todos os vendedores do mesmo artigo como os vassoureiros e compradores de garrafas vazias...” (Luis da Câmara Cascudo – “Dicionário do Folclore Brasileiro”).

Admirados por muitos moradores, vistos com ressalva por outros, traziam, não só uma considerável quantidade de produtos e quinquilharias, mas igualmente sotaques e culturas diferenciados. Muitos deles ativos, observadores, diligentes, principalmente os de origem árabe (turcos) que abriam, com o tempo, lojas em diversas cidades. Os vendedores “turcos” dedicavam-se ao comércio, deslocando-se de fazenda em fazenda, vendendo toda sorte de mercadorias – tecidos, roupas, louças, vasilhames, tapetes, perfumes, bijuterias etc. Muitos deles se tornaram famosos e ricos, constituindo poderosos impérios comerciais.

Vendia-se de tudo de porta em porta, utilizando-se os ambulantes de cantarelados e com o apelo de instrumentos como trombeta, sineta, gaita, triângulo. Pícolé, pipoca, pé de moleque, algodão doce, pirulito, arroz doce, cocada, geleia, rolete de cana, tapioca, paçoca, balas, bolos, cuscuz, sequinhos, amêndoas (cartuchos), mungunzá, tantas outras guloseimas, uma tentação para as crianças, um tormento para os pais com poucos – ou nenhum – recurso que se viam azeitados pela filharada a fim de adquirir os pitêus ofertados à porta...

Vendedores ainda de lenha, jornais, chapéus, flores; empalhadores, amoladores de facas, funileiros, concertadores de painéis, fotógrafos lambe-lambe, leitores de sortes eram outros tantos personagens que ofertavam ruidosamente seus serviços pelas praças e ruas das cidades.

Num país fiscalista, extorsivo como o nosso, não deixariam de ser vítimas da ação do Estado, a chantagem de fiscais, a que se denominava “rapa”, processo repressivo que ainda persiste, direta ou indiretamente, em vários lugares, conforme noticiários da imprensa.

Os vendedores ambulantes equilibravam mercadorias na cabeça, carregavam-nas nas mãos ou penduradas em estruturas de madeira, montavam tabuleiros e barracas nas praças ou mesmo tapumes e cercas ou ainda em lonas pelo chão; transportavam toda uma enormidade de objetos e bugangas em bicicletas, charretes, burros e mais recentemente em veículos com capô aberto. Eram parte integrante de nossa cultura, nossa tradição, trabalhando por conta própria, reduzindo a pobreza, alegrando as pessoas, contribuindo para o crescimento da economia.

Além dos vendedores, havia outros tipos ambulantes e peculiares, preenchendo a vida cotidiana e citadina de então, a título de exemplo:

Os fotógrafos “lambe-lambe”, pais de santo que faziam a leitura de búzios ou através de periquitos; ciganas, que liam as mãos; os amoladores de facas; verdureiros; vendedores de vassouras e espanadores; compradores de ferro velho e sucatas etc.

As feiras, quermesses, rodeios eram igualmente ponto de encontro de vendedores ambulantes, cenários de situações às mais diversas, um caleidoscópio

da realidade humana e social do interior do País. Verdadeiras arenas, onde pontificavam tipos populares de todos os figurinos, feitiços, pregões, bancas com os mais variados estilos, os mais dispares produtos expostos.

QUANTOS E INESQUECÍVEIS TIPOS:

O sorveteiro, empunhando surrado carrinho, divulgava seu produto, através de diversificados e rimados pregões e no caso de guloseimas aguardados com ansiedade pelas crianças:

“Sorvetinho, sorvetão
Sorvetinho de ilusão
Quem não toma o meu sorvete
Não sabe o que é bom”
Ou ainda:
“Sorvete, iaia
É de creme, abacaxi, sinhá
Fui andando numa rua,
Escorreguei, mas não caí
É por causa do sorvete
Que é de creme abacaxi”

E ainda outra:
“Sorvetinho, sorvetão
Sorvetinho de limão
Quem não tem o dez tostão
Não toma sorvete, não
Sorvete, iaia...”

E outra:
“Doce gelado! Sorvete!
É de coco e maracujá!”



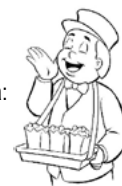
• O vendedor de rolete de cana:
“Oooooooooolha a cana doce! Adoja a vida...”



• Vendedor de laranjas:
“Olha a laranja, dona Aurora.
Traga a sacola pois vou embora”



• O pipoqueiro, por sua vez, apregoava:
“Pipoca, amendoim torrado
Olha a pipoca, tá torradinha
Pipoca, iaia...”



• Vendedores de vassouras com seus refrões:
“vassoura, vassourão, espanador, quem vai querê...Vassoura...Vamos comprar, é de piaçaba, feita prá não acabá...”

Outra: O vassoureiro com dois balaies, pendentes de um pedaço de madeira sobre os ombros, cheios de mercadorias e bugangas, num pregão ritmado, melodioso:

“Vassoura, abano, espanador, bacia de lavar prato, regador, colher de pau, esteira d’Angola, rapa-coco, grelha! Olha o vassoureiro! Vai querer hoje?”

• os doceiros, também chamados de queimadores, vendiam “coisas de adoçar a boca”, geralmente produtos açucarados, de procedência ou produção caseira, a que se incluíam toda sorte de guloseimas.

Um dos produtos que chamavam a atenção eram os “beijos” de coco, jeni-papo, amendoim, abacaxi, alfeloa (ou alferes) vendidos em cartuchos de cinco unidades ou “cestinhas de queimados”.

Enfim, vendedores de toda sorte de produtos, para todos os gostos: cuscuz, garapa, chapéus, pasteis, milho assado, fumo, pudins, manúes, rapadura, bolos, frutas, legumes, aves, ovos.

NOTAS

(1) Pequenos comerciantes que exploravam os mais diversificados recursos para vender seus produtos – o emprego de linguagem corporal, pregões, elementos parodísticos, cantos e sons ritmados, poesia oral, artifícios verbais, linguagem estilizada, entonações e gradações de voz. Qualificados como objetos culturais na expressão do historiador francês Michel de Certeau (1924-1986) em seus estudos sobre as “artes de fazer” – atividades e táticas praticadas pelo homem comum, unindo aspectos laborais, recreativos, simbólicos em sua realização; enriquecidas, no caso dos ambulantes, por inflexões de voz, musicalidade, aparência gestual.

Experiências que vem desaparecendo, embora comuns até os meados do século passado em nossas cidades. Assunto tratado por vários folcloristas e pesquisadores pátrios como Jorge Americano, Eclea Bosi, Theo Brandão, Mario Souto Maior, Luiz Carlos Soares, Nelson Rossi, José Ramos Tinhorão, Gutemberg Costa. Inúmeros cronistas estrangeiros e brasileiros registram os pregões de sua época, constituindo-se em valiosas fontes de pesquisas.

BICHO DE PÉ



Um velho conhecido do nosso passado continua vivendo nas sombras, discretamente e sem fazer alarde. Surge eventualmente e sem aviso, com ares pitorescos de piada fora do tempo, para não se caracterizar como um risco ou inimigo declarado. O Bicho de Pé (Tunga Penetrans)!

Este indivíduo é um inseto. Um tipo de pulga, que se alimenta de sangue, originário das América Central e do Sul. Apresenta menos de um milímetro de comprimento. Seu habitat natural são terrenos arenosos com alguma matéria orgânica, com pouca umidade, pouca vegetação e trânsito de animais. A fêmea quando fecundada, pula para o corpo de um hospedeiro e penetra sua pele. Esse receptor preferencial é o porco, mas ataca também cães, gatos, humanos e etc. Os pés ou patas são alvos mais fáceis, mas o bicho pode atingir qualquer parte do corpo.

Depois da invasão ela deposita de forma subcutânea sua carga de ovos. Com o passar do tempo estes vão evoluindo e crescendo, o que cria uma cúpula esbranquiçada coroada com um ponto escuro. Depois, coceira intensa, um pouco de dor, prurido, ulceração e em casos extremos e mais raros infecções mais graves e tétano.

O conselho sensato, do tipo que se encontra em material de divulgação de saúde, é procurar alguém da área médica para o atendimento. Ninguém faz isso. É sempre a mãe, a tia, a esposa, a irmã ou a avó as donas deste procedimento, feito com agulha, cuidado, autoridade e força na mão para segurar o pé do paciente. O grande sucesso é alcançado quando a bolsa com os ovos é retirada intacta. Mesmo que ela arrebe o serviço ainda pode ser bem feito. O problema é que quando a retirada é mal feita, ou nunca realizada, um processo de infecção se inicia e se usa a interessante expressão "o bicho foi arruinado".

O passado guarda algumas bizarrices antigas, mas é sempre bom lembrar que dependendo da época, cultura e região coisas podem ser avaliadas de forma diferente. O natural ato biológico de arrotar é considerado uma profunda falta de educação entre nós, mas existem lugares onde ele se apresenta como um sinal de respeito àquele que serviu a mesa de refeição. No caso do Bicho de Pé pode-se relatar duas excêntridades. Existiam aqueles que, por apreciar sobremaneira a coceirinha gostosa (para eles!) plantavam um desses bichos no próprio pé! Localizava um inseto, recolhia-o, colocava-o entre os dedos preferencialmente, calçava uma meia e fazia o seu cultivo. Também é sempre possível ouvir relatos que versam sobre uma receita caseira para tratamento do Bicho de Pé: recolhia-se um pouco de urina ainda quente do proprietário do bicho, misturava com fumo picado, recobria a ferida e enrolava com um pano!

O passado não tem culpa de ter existido, mas pelo menos se compreende o horror enojado do presente. Uma análise complementar

pode indicar que o acontecido seguiu uma lógica daquele instante e lugar. Mesmo que hoje seja considerado um erro vulgar e crasso, fazia sentido para alguém, então. Além do mais, não evoluiríamos se não houvesse problemas na outra ponta do tempo. Isso tudo faz lembrar o personagem Jeca Tatu, criação literária e didática quanto a saneamento de Monteiro Lobato. Jeca Tatu era um caipira pobre, preguiçoso, doente e com vermes, descuidado quanto a si mesmo, sem práticas de higiene pessoal e com o eterno costume de andar descalço. Em algum canto escuro esquecido por aí deve existir um almanaque de farmácia com uma figura do Jeca Tatu com um calombo de Bicho de Pé no dedo descalço. Andar calçado fez toda diferença colocando o Bicho de Pé à margem do nosso cotidiano.

Mas mesmo em nossos tempos modernos, acontece! Ainda precisamos ir à horta de couve ou ao nosso pequeno pomar calçando chinelos. Aqui é o ninho e origem de algumas, ainda em que poucas, situações de vergonha que costumamos passar. Eu não sinto a tal coceira, a dita coceirinha gostosa do famigerado Bicho do Pé. Quando noto o intruso ele já está grande, debochado e quase explodindo, transmitindo uma sensação final de frieira e roçando em outras partes do pé por simples aumento de volume. Vai direto para a agulha.

Em casos de grandes infestações no mesmo indivíduo, com diagnóstico médico de maior seriedade, a terminologia migra de simples Bicho de Pé para Tungíase, sendo tratada como uma doença infecciosa da pele. Este fenômeno está associado à pobreza e grupos populacionais carentes em países ou regiões subdesenvolvidas.

O espaço final dessa crônica ficou reservado para um relato curioso. O cantor e multi-instrumentista Lucas Lima, ex-marido da Sandy e participante do grupo Família Lima conhecido por sua mistura de música erudita, folk e pop, viajou para a Dinamarca. Chegando lá se deparou com um suposto Bicho de Pé, conquistado ainda no Brasil em uma praia. Através de fotos e internet seu médico brasileiro fez o diagnóstico e receitou o medicamento. Lucas foi até os serviços de saúde locais e tanto a medicina quanto as farmácias dinamarquesas ficaram paralisadas e sem ação por não ter a mínima ideia do que seria aquilo. Não conheciam! Infelizmente essa boa história, mesmo não sendo fake, não se aplica ao nosso assunto. Foi mantida somente por ser interessante. O bicho no pé dele era o Bicho Geográfico, um pequeno verme parasita. Nada a se lamentar por esse caso perder o sentido. Em matéria de histórias sobre Bichos de Pé estamos bem servidos e é garantido que muitos de nós temos várias delas para contar com risadas públicas e escancaradas ou esconder em silêncio solitário e envergonhado.

Imagens : Diariodebiologia.com.br e scielo.br
Fabio Antônio Caputo



1825 - 2025



200 anos do fuzilamento de Frei Caneca: Mártir da Liberdade e da República no Brasil

Por: Tiago Leite

No dia 13 de janeiro de 1825, no largo do Forte das Cinco Pontas, em Recife, foi fuzilado Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, ou também chamado Frei Caneca, um dos líderes e principal intelectual do movimento nordestino denominado Confederação do Equador (1824).

Dois séculos após sua execução por ordem de Dom Pedro I, importa destacar alguns pontos da história e memória desse mártir nordestino e dos processos revolucionários que ocorreram nessa região do Brasil. Para além de inúmeras ruas nas cidades brasileiras, num total de 70 municípios, com o nome do frade revolucionário, faz-se necessário observar a sua história à luz das construções nordestinas, uma vez que a historiografia a partir do Rio de Janeiro sempre ocultou a importância de Frei Caneca para a liberdade e democracia no Brasil.

Nascido em bairro pobre do Recife, em 1779, Joaquim da Silva Rabelo era filho do português Domingos da Silva Rabelo com a brasileira, descendente de portugueses, Francisca Maria Alexandrina de Siqueira. O ruivo Frei Caneca adentra o Seminário do Carmo, no Recife, ordenando-se em 1801, aos 22 anos.

A ideias iluministas e republicanas já chegavam às Américas em fins do Século XVIII, com a Independência dos Estados Unidos da Inglaterra, em 1776, e a Revolução Francesa, em 1789. Aos poucos os livros e as notícias de revoltas por direitos tomaram não só a Europa, como as colônias da modernidade periférica, especialmente às américas. No Brasil são exemplos as Conjurações em Minas Gerais, em 1789, Rio de Janeiro, em 1794, e na Bahia, em 1798, além de outros movimentos na Colônia Portuguesa.

Com a tomada do poder por Napoleão Bonaparte na França, de 1799 a 1815, a Europa sofre forte abalo em suas relações políticas,

implicando diretamente nos destinos da América. Com a revolução haitiana, em 1801, o medo da revolta dos negros no continente abriu mais espaço para as ideias republicanas e de direitos, eclodindo os movimentos de independência da região do *Rio de la Plata*, pela Argentina, com San Martín, e da *Gran Colombia*, com Simón Bolívar, principalmente por causa da queda do Rei da Espanha com a expansão de Napoleão. A vinda da família real portuguesa, em 1808, e as notícias dos movimentos revolucionários na América Espanhola, fez eclodir, em 1817, a Revolução Pernambucana, que a partir da província de Pernambuco, estendeu-se às províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Durante cerca de 70 dias os republicanos tomaram o poder e instituíram uma carta de direitos, constituindo a primeira república em solo brasileiro. A Corte Portuguesa reprimiu violentamente a Revolução de 1817, executando vários líderes e encarcerando, na Bahia, outros participantes, entre eles, Frei Caneca.

Com a revolução constitucionalista no Porto, Portugal, em 1820, a Corte Portuguesa anistiou os revolucionários em 1821, que retornaram ao Recife, sem abandonar suas ideias republicanas de liberdade. Frei Caneca já era exímio estudioso e professor, organizou com outros uma pequena universidade nos quatro anos de cárcere em Salvador. Lemos Brito (1937) afirmou que *“o curioso é o complexo papel que Frei Caneca ali desempenha. Ele é, ao mesmo tempo, gramático, poeta. Na escuridão do cárcere, elabora um breve compendio de gramática portuguesa, leciona, faz versos”*.

Retornando às terras pernambucanas, Frei Caneca publica no início de 1822 *Dissertação sobre o que se deve entender por pátria do cidadão e deveres deste para com a mesma pátria*, onde apresenta seus conceitos de patriota e da diferença dada pela Corte aos cidadãos portugueses e aos nascidos no Brasil. Até 1824, Frei Caneca apresenta-se como intelectual, publicando vários textos sobre republicanismo, liberalismo, bases de uma constituição e críticas ao autoritarismo despótico de Dom Pedro I. De dezembro de 1823 a agosto de 1824 foi o responsável pelo jornal *Typhis Pernambucano* que circulou no Recife e Rio de Janeiro, principalmente. Frei Caneca dominava a filosofia política da época e seus escritos possuíam influência de Montesquieu e Rousseau. Com a declaração da Confederação do Equador, em julho de 1824, foi um dos responsáveis pela formação política do governo liderado por Manuel de Carvalho Paes de Andrade.

Em julho de 1822, Dom Pedro I sentindo a ameaça republicana na Europa e em todo continente Americano, convoca uma constituinte para discutir uma constituição para o Brasil e esfriar os ânimos revolucionários, especialmente os de 1817, que buscavam a independência do Brasil e a formação de uma república com liberdades e direitos. Evaldo Cabral de Mello (2014, p. 39) observa que *“mais do que a república, a independência foi o verdadeiro motor de Dezanete, e sob este aspecto ele também se incompatibilizou com a aspiração de constitucionalizar o Império luso-brasileiro”*. Importa destacar que a constituinte foi convocada antes da declaração de independência de 07 de setembro de 1822.

Os focos republicanos em todo recém-Império brasileiro e o movimento de Goiana, em Pernambuco, em 1821, com participação intensa de revolucionários de 1817, fizeram com que em novembro de 1823, Dom Pedro I dissolvesse, por meio da força, a Constituinte, no evento conhecido como Noite da Agonia. Indignados com as narrativas dos constituintes do Nordeste (representantes de Pernambuco, Paraíba e Ceará, principalmente) os revolucionários não aceitaram a intervenção do Império na província de Pernambuco, que estava sob o comando de Paes de Andrade. Em janeiro de 1824, a Câmara da Vila de Campo Maior, atual município de Quixeramobim, no Ceará, declarou independência do Império brasileiro, constituindo-se numa república liberal.

Em março de 1824, Dom Pedro I impõe a Constituição Imperial de 1824, com a invenção de um quarto poder, sagrado, que poderia desfazer ou corrigir atos dos outros poderes: o Poder Moderador. Paulo Bonavides (2000, p. 166), exímio constitucionalista patoense, observou que *“a nossa primeira Constituição referendava a ditadura constitucionalizada, com a constitucionalização de um quarto Poder Moderador, tendo sido a primeira experiência do mundo das constituições, dessa forma, uma invenção brasileira, observou Bonavides”* e também *“em sua nascente, o Brasil construiu um constitucionalismo sem povo, sem poder constituinte, sem tradição revolucionária, sem origem numa unidade de pensamento e ação, um poder que já emergiu tolhido, preso à vontade suprema e inarredável de um príncipe”* (Bo-

navides, 2009, p. 26). O constitucionalismo brasileiro nasce autoritário, sem povo, sem direitos, sem garantias e sem liberdades.

A dissolução da Constituição, a imposição da Constituição em 1824 e a ordem de intervenção na província de Pernambuco, com o bloqueio do Porto do Recife, e as notícias de possível investida de Portugal contra o Brasil, tornou os ânimos insustentáveis. Em 02 de julho de 1824, a Confederação do Equador é proclamada por Manuel de Carvalho Paes de Andrade. Posteriormente, escreveu Frei Caneca (Mello, 2024) que *"se o Rio fizer conosco, o que Deus não permita, o mesmo que Portugal fez com o Brasil"*, já que os pernambucanos *"não tendo nascido para escravos, jamais nos sujeitaríamos ao despotismo ministerial, qualquer que ele fosse e pudesse reviver"*. Com a adesão da Paraíba, Rio Grande do Norte e do Ceará, a confederação durou até setembro de 1824, quando as forças monárquicas ocuparam o Recife.

Com a ocupação das tropas imperiais no Recife e a fuga de Manuel de Carvalho Paes de Andrade para a Europa, parte dos revolucionários foram rumo a Goiana, decidindo, posteriormente, percorrer o interior das províncias até a província do Ceará, onde encontrariam as tropas do Comandante Filgueiras, que juntamente com Tristão Gonçalves de Araújo e José Martiniano de Alencar proclamaram a adesão desta província à Confederação. Essa travessia durou 80 dias e passou por cidades como Limoeiro (PE), Cabaceiras, São João do Cariri e Pedra Lavrada (PB), Jardim do Seridó, Caicó e Pau dos Ferros (RN) e Umari e Lavras da Mangabeira (CE). Teve apoio militar da Vila de Areia, na Paraíba, e travou vários conflitos com tropas imperiais, demonstrando o aspecto interiorano das províncias nordestinas por onde passou os confederados, que em sua maioria estava alheia às movimentações políticas das capitais, possuindo alguns elementos religiosos ou intelectuais liberais e outros monárquicos, mas em sua grande maioria, a população não acompanhava as disputas ideológicas políticas.

Uma caminhada detalhada em diário por Frei Caneca, que inicia em 16 de setembro e termina em 29 de novembro de 1824, na Vila das Lavras, Ceará, onde são presos Frei Caneca, Félix Antônio, presidente interino da Paraíba, o Capitão França, Carneiro, Ildefonso, Rangel, Agostinho Bezerra, Frei Antonio Joaquim das Mercês, Veras, Viéirinha, Emiliano, major José Alves, capitão Taveira Canelludo, tenente José Gonçalves e Frei João (Mello, 2024, p. 680). Estes presos seguem escoltados com destino ao Recife, passando pelas cidades paraibanas de São João do Rio do Peixe, Sousa, Pombal, Fazenda Macapá (Malta), Fazenda Santa Gertrudes, Patos, Passagem e Campina Grande. Em seu diário narra Frei Caneca a admiração por este trajeto e as belezas da Serra da Borborema. O major Lamenha Lins, responsável pela capitulação do movimento, convenceu os revolucionários a se entregarem e voltarem ao Recife, onde esperavam o perdão de Dom Pedro I, por uma pena não capital.

No dia 20 de dezembro de 1824, no Recife, reuniu-se a Comissão Militar para julgar Frei Caneca e outros revolucionários. O processo findou-se no dia 23 de dezembro, do mesmo ano, com a publicação da sentença por pena capital do frade, praticamente ignorando sua defesa apresentada por escrito no curto prazo de horas. A Comissão Militar, e não jurídica, foi instituída por Dom Pedro I em 26 de julho de 1824, com ordens expressas de pena de morte. O decreto de julho suspendia os direitos fundamentais da recém-Constituição do Império, que previa no artigo 179 os direitos que toda pessoa presa tinha para acusações e defesas na nova ordem constitucional. O ódio de Dom Pedro I contra Frei Caneca era superior aos preceitos constitucionais recentemente inventados. Inclusive, o Império brasileiro não tinha ainda um código penal, que somente surgiria em 1830, sendo a pena

de morte fundamentada no livro das ordenações portuguesas.

Em janeiro de 1825, é lida a sentença ao frade pernambucano que nas palavras de Lemos Brito (1937) *"o sacerdote põe-se de pé, ansioso, mas sereno. A decisão implacável é recitada de acordo com o ritual da lei. Ela declara culpado do crime de rebelião contra o imperador e de instigação dos povos à desagregação da pátria, com a fundação de um governo autônomo no Norte. A morte será pela força, precedida de degradação canônica"*. Em 13 de janeiro, após cortejo para degradação de suas funções religiosas, segue para a forca. Um recluso designado para o enforcamento de Frei Caneca se recusa a realizar o ato. É espancado, mas resiste. A guarda traz algumas pessoas escravizadas que também se negam. A Comissão assim decide pelo fuzilamento. Um dos membros da tropa, antes de atirar contra o frade cai e morre de forma fulminante (Brito, 1937). Frei Caneca foi fuzilado ao lado do Forte das Cinco Pontas, em Recife. *"Envolto em simples lençol, atira-se o cadáver defronte ao Convento do Carmo, para onde depois é recolhido e sepultado no pátio interno"*, descreve Orlando Parahym (1975, p. 35).

Observa José Murilo de Carvalho (2017, p. 72) que diferentemente de Tiradentes, um político que morreu como religioso, Frei Caneca foi um religioso que morreu como político, defendendo a liberdade em duas revoluções. O apagamento histórico do movimento republicano nordestino é perceptível pela historiografia fluminense. A memória do líder intelectual da Confederação do Equador não pode passar em vão após dois séculos de lutas e construções por liberdades, direitos e bases republicanas, principalmente no momento histórico brasileiro de tentativas de retirada de direitos e tentativas de golpes por meio da força. Frei Caneca e os revolucionários nordestinos buscaram construir uma república no Brasil, em 1817, e, principalmente, a separação da espoliação portuguesa. Depois, em 1824, rebelaram por liberdades, contra o autoritarismo de Dom Pedro I e sua corte monárquica. Não buscavam separar o Nordeste do Brasil, como bem explica Josemir Camilo de Melo (2024), mas espalhar o espírito republicano e liberal por todas as terras brasileiras, em uma Estado constitucional e federado.

Viva a República! Viva Frei Caneca!

Referências:

- BONAVIDES, Paulo. A evolução constitucional do Brasil. Revista Estudos Avançados, 14 (40), p. 155-176, 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9553/11122>>. Acesso em: 19 dez 2024.
- BONAVIDES, Paulo. Do país constitucional ao país neocolonial: a derrubada da Constituição e a recolonização pelo golpe de Estado institucional. 4ª Edição. São Paulo: Malheiros, 2009.
- BRITO, Lemos. A gloriosa sotaína do Primeiro Império (Frei Caneca). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- CARVALHO, José Murilo. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MELLO, Evaldo de Cabral (Org.) Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. 2 ed. Recife: CEPE, 2024.
- MELLO, Evaldo de Cabral. A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editora 34, 2014.
- MELO, Josemir Camilo. Confederação do Equador, 200 anos – Movimento foi ideológico e não separatista. Jornal O Poder. 0+9 e novembro de 2024. Disponível em: <https://www.opoder.com.br/noticias/20897/confederacao-do-equador-200-anos-movimento-foi-ideologico-e-nao-separatista-ensaio-por-josemir-camilo-de-melo>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- PARAHYM, Orlando. O Homem. In: PEREA, Romeu (Coord.). Ensaio universitários sobre Frei do Amor Divino (Caneca). Recife: Universidade Federal de Pernambuco – Editora Universitária, 1975.



HÁ CEM ANOS APÓS PASSAR PELO ACRE, AVENTUREIRO INGLÊS PERCY FAWCETT SUMIA NA SELVA AMAZÔNICA

Em busca de uma cidade perdida, com ruas de ouro e prata na Amazônia, coronel manteve contato com Plácido de Castro; sua história virou filmes clássicos como “As Minas do Rei Salomão”

Há 100 anos, em janeiro de 1925, o governo brasileiro dava, enfim, por encerrada às buscas, nas matas da selva amazônica, na região onde hoje é parte do território do Estado do Mato Grosso, ao explorador inglês Percy Fawcett e sua comitiva.

Coronel do exército britânico e súdito da coroa inglesa, ele en-

FOTO: REPRODUÇÃO



Coronel britânico teria sido devorado por índios canibais no Brasil

trou na Amazônia após passar pelo Acre e inclusive manter contato, no início do século passado, em 1907, no Seringal “Benfica”, com o coronel José Plácido de Castro, que havia se recolhido às suas propriedades privadas após a vitória sobre os bolivianos na Revolução Acreana e a pacificação do território após a assinatura do Tratado de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

Ele era administrador da incipiente Vila Rio Branco, que seria a capital do Acre. O coronel inglês chegou a tirar fotografias de Plácido de Castro cercado de cachorros em sua casa no que viria a ser zona rural da futura Capital Rio Branco.

O coronel havia entrado no Acre a partir do Peru e da Bolívia, navegando em canoas. Seu destino era uma cidade perdida, com ruas de ouro e tesouros diversos de uma civilização perdida que, segundo suas pesquisas, havia existido e desaparecido há milênios na selva amazônica.

Uma cidade que ele batizou com apenas com a letra “Z” (tal era o mistério que empregava em suas descobertas) e que ficaria onde é hoje o Estado do Mato Grosso, na região de Barra dos Garças.

O coronel e sua comitiva, entre os seus ajudantes o seu filho mais velho, desapareceram e nunca mais foram vistos. Para uns teriam sido abduzidos por alienígenas. Para outros, comidos por índios canibais que a época tinham a prática de matar e comer quem julgava seus inimigos e invasores de seu território.

A certeza de que os desaparecidos travaram contato com os índios foi obtida com o fato de que membros de uma expedição patrocinada pelo lendário jornalista e empresário Assis Chateaubriand em busca da comitiva do inglês pelos locais por onde teriam passado, encontraram índios selvagens usando como adereços ou troféus de guerra etiquetas metálicas das malas dos aventureiros.

Foi a partir daí que, uma década depois do desaparecimento, o governo brasileiro dava as buscas por encerradas, naquele janeiro de 1925. O coronel inglês sumiu para sua passagem pelo território acreano fez com que o Acre, passasse a ser conhecido no mundo moderno como referência e ponto de partida no Brasil de um dos maiores aventureiros de que se tem notícia na história recente em todo o mundo.

Personagem tão relevante e real que virou filme cujo roteiro,

com o rol de todas as suas aventuras, ainda não foi feito – embora especule-se que o personagem “Indiana Jones”, do épico “As Minas do Rei Salomão”, interpretado pelo ator norte-americano Harison Ford, tenha sido inspirado em Percy Harrison Fawcett, uma mistura de Sherlock Holmes e Indiana Jones, que andou em terras acreanas.

FOTO: REPRODUÇÃO

O Coronel do exército britânico e fiel súdito da realeza inglesa, o militar e aventureiro foi capaz de juntar em suas loucuras dignas de uma obra cinematográfica personagens reais como o rei inglês Eduardo VII, que reinou até 1910, o herói da libertação das terras acreanas do jugo boliviano, José Plácido de Castro, o então presidente brasileiro Epitácio Pessoa, o militar e indigenista Marechal Cândido Rondon, o indigenista Orlando Vilas-Boas e até o jornalista Assis Chateaubriand, que, na época, dirigia um império de comunicação no Brasil só comparável, nos dias de hoje, ao poderio da Rede Globo de Televisão.



Coronel Percy Fawcett virou estátua e motivo de orgulho e em Barra dos Garças

Percy Fawcett travou contato com o Brasil em 1906. Por aqui, com o Acre já conquistado a bala das mãos dos bolivianos, ele acabaria se encontrando com José Plácido de Castro em seu seringal “Benfica”, às margens do rio Acre, segundo os professores Alceu Ranzi e Evandro Ferreira, da Universidade Federal do Acre (Ufac), conhecedores da história do militar britânico e que se ocuparam como cientistas de suas histórias rocambolescas.

Apaixonado por fotografia, o coronel documentou suas próprias aventuras e chegou a fotografar Plácido de Castro em sua propriedade, ao lado de dois cães de guarda, quando o gaúcho já era uma espécie de prefeito e intendente da incipiente Vila Rio Branco, recém-conquistada dos bolivianos.

Amazônia brasileira chama atenção de Fawcett em suas andanças pela Bolívia e Peru, nos Andes, dizem pesquisadores acreanos.

De acordo com os dois professores, antes de vir parar no Acre,

FOTO: REPRODUÇÃO



Plácido de Castro fotografado pelo coronel Percyci Fawcett no Seringal Benfica

Nota da revisão:

O 10º parágrafo possui alguns problemas: o livro as Minas do rei Salomão é de 1885, de autoria de Henry Rider Haggard, apresentando o herói Allan Quatermain; como a expedição de Fawcett é de 1925 as datas não são compatíveis. Indiana Jones, interpretado por Harison Ford, apareceu em 1981 no filme Caçadores da Arca Perdida. Esta revisão não sabe distinguir a intenção do autor do texto.

Percy Fawcett andou pelos continentes africanos e asiáticos, mas foi na América do Sul que ele encontrou sentido para sua vida inquieta.

Após os primeiros contatos, com a confecção de mapas e outros estudos, em três meses de preparo, Fawcett, seu filho Jack e um amigo desse partiram de Cuiabá para nunca mais serem localizados. Uns dizem que o trio teria encontrado a passagem para outras dimensões; outros afirmam que os três teriam sido devorados por índios locais. Chegou-se até a especular que Fawcett teria vivido mais de três décadas “numa cidade subterrânea, escondida sob a Serra do Roncador”, atual destino de aventureiros e esotéricos no Mato Grosso, região em que há até um aeroporto para extraterrestres, localizado em Barra do Garças, cidade mato-grossense que abriga também uma estátua em homenagem a Fawcett.

O governo brasileiro foi envolvido nas aventuras do coronel inglês porque ele usou sua influência para fazer com que o embaixador da Inglaterra no Brasil o levasse ao então presidente da República do Brasil, Epitácio Pessoa, a quem pediu financiamento para sua aventura.

O presidente brasileiro condicionou a ajuda ao envio de uma comitiva de brasileiros para acompanhá-lo, uma sugestão do assessor do presidente para assuntos indígenas, o marechal Cândido Rondon, pelo visto já com um pé atrás em relação ao aventureiro.

No contato com as autoridades brasileiras, Fawcett parecia querer, sozinho e do seu jeito, encontrar ouro e obter fama internacional. Para o jornalista inglês e ex-correspondente no Brasil, Larry Rohter, autor de uma biografia do militar, foi por orgulho, excesso de confiança e um certo amadorismo em terras inexploradas alguns dos motivos do fracasso da última viagem de Fawcett.

Tudo teria começado, na cabeça de Fawcett, com uma viagem ao atual Sri Lanka como oficial da Artilharia Real britânica, onde se interessou por arqueologia. Foi ali que Fawcett descobriria misteriosas inscrições em uma rocha que, anos mais tarde, ele mesmo estabeleceria relações com o Documento 512, um mapa de 1754 de uma Cidade Perdida, guardado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

“O manuscrito é considerado o único mapa conhecido de uma cidade perdida no centro do Brasil e sua existência vem, ao longo dos anos, motivando inúmeras pesquisas”, descreve a Fundação Biblioteca.

Existiria mesmo uma Atlântida brasileira escondida na selva amazônica?

Ainda de acordo com a BN, nas décadas seguintes, o documento seria inspiração para obras como “As Minas de Prata”, de José de Alencar, e “As Minas do Rei Salomão”, clássico de Rider Haggard. Aliás, Fawcett receberia das mãos de Haggard, cujo filho havia morado no Mato Grosso, uma misteriosa estatueta de basalto com letras desconhecidas.

Na mente fértil do coronel, aquela era uma espécie de chave de entrada para a Atlântida brasileira. Entre 1906 e 1924, foram sete viagens exploratórias na América do Sul, incluindo passagens por Corumbá, no Mato Grosso do Sul, e Rio Verde, “lugar onde ninguém entrara antes”, segundo Hermes Leal.

Como lembra o jornalista, as viagens de Fawcett eram muitas vezes marcadas por perrengues, como a descida do Rio Acre, onde o coronel encontraria barreiras naturais como 120 corredeiras e se alimentaria de macacos; e redemoinhos em rios da Bolívia que tragavam “embarcações inteiras, incluindo a tripulação”, segundo o próprio escreveu em seus diários.

Em uma de suas últimas notícias, antes de desaparecer no Brasil, Fawcett pedia para a família não enviar nenhum tipo de resgate, em caso de fracasso da expedição.

Nas décadas seguintes, a imprensa mundial faria, justamente, o contrário. Acredita-se que a Cachoeira São Francisco, na Rota Franciscana, foi um dos locais por onde teria passado Fawcett. Seu desaparecimento foi uma fonte inesgotável de histórias que produziria uma infinidade de notícias.

Três anos depois de seu desaparecimento, se assistiria à uma corrida pelo paradeiro de Fawcett, em empreitadas como a Expedição Dyott com o caçula Brian Fawcett, em 1924; e a viagem sensacionalista de Edmar Morel. Brian Fawcett, com índio Kalapalo, financiados por ninguém menos que o magnata da comunicação Assis Chateaubriand, em 1925.

O que se sabe é que, ao entrar na selva, acompanhado de um ajudante de seu filho mais velho, Fawcett carregava várias malas

no lombo de burros. Eram malas inglesas, de marca, cujos adereços, anos depois foram encontrados adornando o pescoço de índios, num claro sinal de que aquelas pessoas haviam entrado em contato com o dono daqueles pertences.

Como na época havia informações de que, vez ou outra, os índios abatiam inimigos e comiam o que deles restava, concluiu-se que o aventureiro inglês, seu ajudante e seu primogênito viram comida de índios, o que os filmes de aventura que se baseiam em suas histórias e aventuras, não contam. Barra do Garças tem fama de esotérica, um dos maiores responsáveis por isso é Percy Fawcett.

A cidade mato-grossense, que celebra o Dia do ET no segundo domingo de julho e tem um discoponto para pouso e decolagem de espaçonaves alienígenas, para o conforto de eventuais visitantes extraterrestres, tem também uma estátua em homenagem a esse explorador inglês.

Fawcett contribuiu para a energia alternativa e riponga do município porque seu (suposto) trágico fim está ligado diretamente à busca por cidades podres de ricas e amontoadas de ouro no meio da Amazônia. Há quem afirme categoricamente que ele não morreu, mas foi para outra dimensão, onde encontrou tal lugar.

Quem era final o aventureiro inglês que sumiu na Amazônia?

O coronel Percy Harrison Fawcett nasceu na Inglaterra, em 1867, e foi um famoso explorador britânico, cujas histórias cativaram o mundo. Fawcett formulou teorias de uma cidade chamada “Z”, em 1912.

Seus pensamentos foram alimentados, em parte, pela redescoberta da cidade inca perdida de Machu Picchu, em 1911. Duran-

FOTO: REPRODUÇÃO



Parte dos homens que integraram a expedição original de Percy Fawcett

te suas viagens, Fawcett também ouviu rumores de uma cidade secreta, nas selvas do Chile, que teria ruas pavimentadas em prata e telhados feitos de ouro.

Depois de duas tentativas em vão em busca da cidade “Z”, Fawcett decidiu fazer uma ousada jornada, em 1925. Ele e sua equipe chegaram à beira de um território inexplorado, olhando para selvas que nenhum estrangeiro jamais havia visto.

Além de Fawcett, a aventura contou com seu amigo Raleigh Rimell, seu filho mais velho Jack, de 22 anos, e dois trabalhadores brasileiros. Ele explicou, em uma carta, que haviam atravessando o Alto Xingu, afluente do rio Amazonas, e tinham enviado seus companheiros brasileiros de volta.

Os exploradores chegaram a um lugar chamado Campo do Cavalo Morto, onde Fawcett enviou despachos por cinco meses e, após o quinto mês, eles pararam. Em seu despacho final, Fawcett enviou uma mensagem para sua esposa Nina e proclamou “Esperamos atravessar esta região em poucos dias Nós não podemos temer qualquer falha”. Este seria o último contato do explorador de 58 anos.

Fawcett e seus companheiros sumiram sem deixar rastros. Apesar de inúmeras missões de resgate, eles nunca foram encontrados. Enquanto a cidade perdida “Z” nunca foi encontrada, inúmeras cidades e restos de antigos sítios religiosos foram descobertos nos últimos anos nas selvas da Guatemala, Brasil, Bolívia e Honduras.

Com o uso cada vez maior da tecnologia de digitalização, é possível que uma cidade antiga, que impulsionou as lendas de Z, possa um dia ser encontrada, o que levaria Percy Fawcett a se revirar no túmulo – se é que não foi mesmo comido pelos índios canibais na época.

PAPAS E A ORALIDADE – A CHAVE DE SÃO PEDRO

Algumas anedotas e verrinas circulam dentre as rodas populares, envolvendo o nome de papas e de altos mandatários eclesiásticos. Algumas delas:

I – O Papa Gregório XVI (10/09/1765–01/06/1846), cujo nome civil era Bartolomeu Alberto Capellani, e que pontificou de 1831 até a sua morte, tinha, à sua época, a fama de beerrão. Uma maldosa anedota, que circula até hoje no meio popular, diz que tão logo morreu, apresentou-se, aparratado, no céu. Por mais que tentasse, não conseguia, porém, abrir a porta com a chave papal que levava. E começou a lamentar-se tanto, até a imprecisar, que São Pedro, incomodado com as lamúrias do recém chegado, apareceu, perguntando-lhe o que se passava.

– É que não consigo abrir a porta com a chave que tu me confiaste, ó venerável guardião dos céus!

São Pedro respondeu:

– Pudera! Queres abrir a porta do céu com a chave da adega?! Trouxeste a chave errada, meu caro!...

II – Em 1585, quando morreu o Papa Gregório XIII (seu nome civil era Ugo Boncompagni e que viveu de 07/06/1502 a 10/04/1585), houve dificuldades para a escolha de seu sucessor. Para superar esses obstáculos, os cardeais reunidos em conclave, decidiram escolher um papa provisório, um “tapa-buraco”. Ora, dentre os cardeais presentes, um deles, Felici Perreti (13/12/1521–27/08/1590), logo atraiu a atenção geral. De muletas, mal podendo



andar, aparência febril, hipocondríaco, queixando-se, a todos, de sua precaríssima saúde, foi, de imediato, aclamado Papa.

Investido de suas funções pontificias sob o nome de Sisto V, de pronto, melhorou a saúde, aposentou as muletas, esqueceu-se de seus achaques e com fervorosa atividade e desenvoltura, postura ereta, gestão pujante, passou a reformar ordens religiosas, intervindo ativa e vigorosamente em dissensões e conturbações internas da Igreja. Não parecia ter sobre os ombros o peso de sessenta e quatro anos de idade. Alguém fez-lhe uma insinuação maliciosa a respeito de sua súbita e surpreendente recuperação, de sua incomum vitalidade, então exibidas.

– É natural, respondeu Sisto V. Eu andava curvado porque estava procurando a chave de São Pedro. Agora que a achei, posso olhar firme para o céu.

Curiosamente, seu pontificado, apesar do dinamismo empregado, perdurou por pouco tempo – cinco anos. Há na oralidade popular a expressão “muletas de Sisto V” ou “ser como Sisto V”, que significa passar ou fingir-se de doente, fingir-se de fraco ou “de morto”, dar uma “de bobo” ou de sonso, mas, na verdade, agir como uma pes-soa ativa, ousada, produtiva.

III. O Papa São Pio X, cujo nome civil era Giuseppe Melchiori Sarto, nascido em Roma aos 02-06-1835, pontificou entre 1903 a 1914, ano de sua morte. Tinha ele, por curiosidade, inúmeros parentes no sul de Minas, que migraram no século XIX para o Brasil.

Contava com a fama de muita santidade. Certa vez, fora atender uma senhora romana, muito enferma, em circunstâncias terminais. A senhora implorou-lhe:

– Santo Padre, por piedade, cura-me. A um santo como o senhor, Deus nada nega.

– A senhora errou por uma letra. Eu sou um Sarto, não Santo...



O PONTO DE REFERÊNCIA

Um homem cego volta para casa, diariamente, após o trabalho e tem como ponto de referência, na rua em que mora, uma árvore. Anos afora, rotineiramente, ele chega numa encruzilhada de ruas, encontra a árvore, sua velha amiga, bate-lhe delicadamente a bengala, atravessa a via e chega em casa.

Mas, naquela noite, quando ele chegou ao local, não mais encontrou o arbusto; haviam-no arrancado. A prefeitura removera a árvore. Debalde, a procurou. E ele perdeu, então, o senso de direção. Saiu atabalhoadamente, alcançando uma ponte. Estava distante de sua casa. Ficou inquieto. Havia muita névoa e fazia um frio tiritante. Estava, em suma, desorientado, perdido!

Alguém acerçou-se-lhe. Uma trêmula voz de mulher, perguntou-lhe:

– O senhor está perdido?

– Sim, sim. Eu sou cego.

– Mas o que faz por aqui?

– Eu tinha um ponto de referência para chegar à minha casa e desta vez, não o encontrei.

– Onde você mora? Pergunta-lhe a voz, embargada e emocionada.

– Na rua tal, número tanto...

–Você permite que eu o leve até lá?

– Oh, mas, eu seria eternamente grato!

A senhora pegou-o pelo braço e levou-o até a sua casa.

– Não tenho como lhe agradecer. Muito obrigado. Deus a abençoe por tamanho gesto de caridade.

– Mas, como?! Sou eu quem lhe agradeço, respondeu a senhora.

– Mas, você deseja agradecer-me também, após o tanto que você me fez? Você acaba de conduzir um cego desorientado de volta ao lar e ainda me agradece?!

– Agradeço sim e muito! afirmou a senhora com energia.

– Você acabou de me salvar a vida. Eu perdi um relacionamento afetivo de muitos anos e transtornada, enlouquecida, dirigi-me para aquela ponte. Ali, envolta pela neblina, ia atirar-me sobre as águas frias e assim desaparecer, morrer. No momento em que ia saltar, eu o vi atônito, desorientado. Esqueci-me do meu problema, naquele momento, para ajudá-lo. E, enquanto eu o conduzia para casa, descobri, por inspiração divina, quão louco seria o meu gesto e que o meu sentimento era de paixão, não de amor. Muito obrigada por ter salvado minha vida. A partir de hoje, amarei de forma diferente.

Bispo de Oliveira dá posse ao Pe. Aparecido na Paróquia de São Tiago

Na noite de domingo, 2 de fevereiro, foi realizada, na Igreja Matriz de São Tiago, a Santa Missa com o rito de posse canônica do Revmo. Pe. Aparecido Paulo da Silva como novo pároco da Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana. A celebração foi presidida pelo Bispo Diocesano, Exmo. e Revmo. Dom Miguel Ângelo Freitas Ribeiro, com a participação do Pe. Sílvio Firmino do Nascimento, dos diáconos Giovani, Rogério e José Adilson, além dos seminaristas.

A cerimônia contou com a presença de ex-paroquianos vindos de Passa Tempo, diversos amigos de Cristais, familiares de Nazareno e da comunidade são-tiaguense, que acolheu com alegria o seu novo pároco.

Ao final da celebração, Pe. Aparecido fez a profissão de fé

diante do Bispo e da comunidade, seguida da leitura da provisão canônica. Em seguida, fez seu primeiro pronunciamento como pároco, e foi lida uma mensagem de boas-vindas pela paróquia. Como de costume, o chapéu do padroeiro foi retirado e, em um gesto simbólico, o novo pároco recebeu a imposição do chapéu sobre sua cabeça, representando o acolhimento por toda a comunidade.

A celebração manifestou a esperança de um pastoreio fecundo sob a liderança do Pe. Aparecido. Desejamos a ele um caminho de fé, sabedoria e dedicação à comunidade paróquial de São Tiago, a exemplo do Bom Pastor.

Marcus Santiago



AMOR INCONDICIONAL // Um fato real

Dois irmãozinhos maltrapilhos, provenientes da favela, um deles de cinco anos e o outro de dez, iam pedindo um pouco de comida pelas casas da rua que beira o morro. Estavam famintos.

– Vá trabalhar e não amole – ouvia-se detrás da porta.

– Aqui não há nada moleque – dizia outro...

As múltiplas tentativas frustradas entristeciam as crianças...

Por fim, uma senhora muito atenta disse-lhes:

– Vou ver se tenho alguma coisa para vocês... Coitadinhos!

Ela voltou com uma latinha de leite. Que festa! Ambos se sentaram na calçada. O menorzinho disse para o de dez anos:

– Você é mais velho, tome primeiro...

E olhava para ele com seus dentes brancos, a boca semi-aberta, mexendo a ponta da língua.

Eu, como um tolo, contemplava a cena... Se vocês vissem o mais velho olhando de lado para o pequenino! Leva a lata à boca e, fingindo beber, aperta fortemente os lábios para que por eles não penetre uma só gota de leite.

Depois, estendendo a lata, diz ao irmão:

– Agora é sua vez. Só um pouco.

E o irmãozinho, dando um grande gole exclama:

– Como está gostoso!

– Agora eu – diz o mais velho.

E levando a latinha, já meio vazia, à boca, não bebe nada.

"Agora você", "agora eu", "Agora você", "Agora eu", dizem eles.

E, depois de três, quatro, cinco ou seis goles, o menorzinho, de cabelo encaracolado, barrigudinho, com a camisa de fora, esgota o leite todo... Ele sozinho.

Esse "agora você", "agora eu" encheram-me os olhos de lágrimas...

E então, aconteceu algo que me pareceu extraordinário. O mais velho começou a cantar, a sambar, a jogar futebol com a lata de leite.

Estava radiante, o estômago vazio, mas o coração transbordante de alegria.

Pulava com a naturalidade de quem não fez nada de extraordinário, ou melhor, com a naturalidade de quem está habituado a fazer coisas extraordinárias sem dar-lhes maior importância.

AO PÉ DA FOGUEIRA



O CLIENTE MAÇANTE

A conceituada e movimentada agência bancária, cliente-seletiva, localizava-se em soberbo imóvel, estilo colonial barroco, na área central de importante cidade histórica da região. O gerente, profissional de carreira, com larga experiência no ramo, atendendo, rotineiramente, em sua maioria a elite local, geralmente grandes proprietários rurais, altos funcionários públicos civis e militares, industriais, privilegiados, abonados em suma. Águas calmas, de um modo geral. Veria, contudo, sua tranquilidade modificada, transtornada abruptamente. Tempestades inesperadas, terríficas. Um tsunami. A inquisição ressuscitada.

Um novo cliente. Mais do que isso, problemático, exasperante. Era um senhor já de certa idade, de complexão esguia, rosto angulado, olhar aquilino. Física e mentalmente ainda robusto, percebia-se. Vestia-se, contudo, de maneira simples, senão paupérrima. Um janota à primeira vista. Aposentara-se, assim informara, após décadas de trabalho, como executivo e consultor de grandes corporações multinacionais, em grandes centros financeiro-industriais do País. Homem viajado, com vastos conhecimentos e graduações nas áreas de economia, administração e ciências exatas, esclarecera ele. Sendo cliente daquela instituição financeira há anos, decidindo fixar-se no interior do País, onde tinha familiares, trazia consigo suas economias de anos e anos de exaustivo trabalho, optando por transferir, por conseguinte, para aquela agência, suas aplicações e investimentos financeiros.

Alertara já, no primeiro momento, ao gerente, ser ele muito cliente de um movimento financeiro e que esperava que o bom atendimento por ele recebido até então no sistema bancário, ao longo de muitos anos, prosseguisse naquela agência. Com o concurso dos abnegados funcionários, o gerente procedeu à transferência da conta, verificando, assombrado, os valores do novo cliente. Eram milhões e milhões, aplicados principalmente em moedas estrangeiras, algumas delas das quais o gerente jamais ouvira falar. Eram de países de nomes também estranhos (os chamados paraísos fiscais ou até de exóticos reinos asiáticos), ao lado de investimentos em dólar, euro, cripto e outras moedas de circulação mundial, cotadas cambialmente nas diversas bolsas de valores mundiais.

O sagaz cliente exigira da gerência um acompanhamento minucioso das aplicações, comparando-se as flutuações diárias de cada moeda ou indicador no mercado externo, investindo-se naquelas com maior rentabilidade e lucratividade. Um especulador de mão cheia. Conta aberta, recados dados, passara a ligar, implacavelmente, a toda hora para a agência ou para o celular do gerente, mesmo altas horas da noite, aparecendo, inopinadamente, na agência, várias vezes por semana, a qualquer momento, tomando horas preciosas do asoberbado gerente e de sua equipe. Requisitava planilhas, conferia cotações mundiais e quando verificava – ou sequer apresentava – alguns centavos a menos em suas aplicações, era um deus-nos-acuda. Além de insolentes impropérios, o onzenário exigia da instituição fosse ressarcido, de imediato, ainda que migalhas, das quais se julgava, por intrínseco direito, credor Senão, ameaçava cruelmente, retirar o movimento dali, denunciar o gerente aos seus superiores ou a órgãos de defesa do consumidor, acionar a justiça e a imprensa e por aí afora...

Passara o gerente a ser um empregado, um lacaios, tendo, por vezes, que repor, do próprio bolso, as “diferenças”, “variações” ou “perdas” das aplicações reclamadas por aquele intragável aplicador. Ademais, perdera a privacidade, sendo importunado, a todo instante, inclusive finais de semana, à qualquer hora da noite, período de férias, em extensas e maçantes chamadas de celular, gerando-se atritos com a família. Virara, enfim, a vida do gerente uma agonia, uma via-crúcis e só de ver, ouvir a voz ou pensar no desagradável cliente, entrava em parafuso. Surgiram-lhe problemas de saúde: apneia, depressão, pânico, o que lhe custara uma licença médica. Tenta transferir o atendimento para o subgerente da agência, mas este foi a nocaute em dois ou três encontros com o implacável, incomplacente investidor. Levou o assunto, uma vez mais, a seus superiores, solicitando uma solução ou até mesmo transferência. Também sem resultados. Debilitado física e emocionalmente, acossado pelo aplicador torturador, a família deveras indignada, entregue à própria sorte pelo empregador, toda uma avalanche de desídias, viu-se num beco sem saída. Em situação de extrema ansiedade, toma, então, uma decisão drástica: pede demissão!

Realização:



Apoio:

